

# **ANEXOS**

**Anexo 1: Apresentação**

**Anexo 2: Quadro das Freguesias do Concelho de Setúbal**

**Anexo 3: Transcrição das entrevistas**

**Anexo 4: Quadros de análise de conteúdo**

**Anexo 5: Projecto Pedagógico da Educadora Cláudia**

**Anexo 6: Expectativas das famílias face à creche; Instituições (A); (C)**

**Anexo 7: Registo dos avós; Instituição (C)**

## **Anexo 1: Apresentação**

### **Apresentação**

O curso de Educadores de Infância chegou ao seu termo no mês de Junho, do ano de 2000, após quatro anos de um processo contínuo de ensino-aprendizagem. Implicou um trabalho intenso por parte dos professores responsáveis, alunos, e educadores cooperantes.

O principal objectivo foi a formação especializada dos alunos para a sua futura profissão, contribuindo para que estes através de uma perspectiva pedagógica / científica desenvolvessem competências cognitivas, que lhes possibilitassem a confrontação entre as suas representações iniciais de senso-comum e, uma construção de conhecimentos teóricos, saber-ser, saber-fazer, saber comunicar e fazer-se compreender, saber tornar-se competente.

Indo ao encontro do que foi referido sobre a intenção principal deste curso, é de salientar: a ênfase posto na aprendizagem como construção pessoal; na formação dos alunos em percursos diferenciados de acordo com a pessoa que ele próprio é, as suas vivências; na sua capacidade pessoal de formação, os saberes apreendidos e co-construídos numa relação interpessoal e grupal, a interacção entre o conhecimento, a acção, e a experiência.

Para o desenvolvimento dos alunos, e para o exercício futuro da sua profissão e conseqüente papel na sociedade, foram promovidas condições ao longo deste percurso que, para além dos conteúdos, se articulam e se revestem de suma importância: os métodos, as estratégias, os meios, os equipamentos, os materiais, os contextos educativos, facilitaram e conduziram com sucesso os alunos, neste plano de formação organizado pelos formadores.

O investimento nos alunos, reporta-se assim, ao seu desenvolvimento pessoal e profissional, especificamente aos processos reflexivos sobre si próprio em sociedade, às suas atitudes face ao acto educativo, às relações interpessoais, às competências, ao perfil do educador, à reflexão sobre a sua prática pedagógica, implicando por parte do aluno, um auto conhecimento como pessoa e como profissional.

A elaboração dos diários pedagógicos relativos aos estágios nos contextos educativos, os diversos Projectos e a elaboração de um Porta-Fólio surgiram na sequência da metodologia do plano de formação concebido para os alunos, e pretendeu ter uma função essencialmente integradora e globalizante das aprendizagens realizadas ao longo da sua formação. Nomeadamente, os seminários que decorreram durante o último ano lectivo e a dinâmica organizativa dos contextos educativos onde decorreram os estágios foram imprescindíveis para o delinear dos diferentes documentos.

Estes pensamentos são apenas recordações, que pretendem agora constituírem-se por narrações, como quem conta uma história de quem viveu a essência do que relata, e vai apresentando as notícias de uma viagem sem recorrer ao figurativo ou ao método catártico. Centra portanto a sua atenção, nos processos intrínsecos relativos ao autor, e nos processos extrínsecos de relação com a realidade física e social.

Esta é uma narrativa que narra factos e o próprio narrador, sendo por isso dirigida essencialmente a ele mesmo, mas partilhada com o leitor, numa tentativa de ser dar a conhecer como pessoa e as fases da sua vivência profissional.

Esta é uma nova oportunidade para visitar e fazer reviver experiências passadas, de aprender com elas, de as pensar de novo, e de as encaminhar no sentido do desenvolvimento de novas compreensões, que poderão reforçar o sentido de responsabilidades e de dever das suas práticas pessoais e profissionais.

Para além de pensamentos, o distanciamento permite uma retrospectiva sobre a sua forma de pensar a educação, a criança, o seu próprio discurso e a acção pedagógica pensada, mas continuamente reconstruída e negociada com as crianças quer elas se expressem através de linguagem verbal ou não verbal.

### **Como um Monólogo...**

Recordo que um dos trabalhos elaborados, “A escrita autobiográfica” surgiu por sugestão do Professor Doutor Augusto Pinheiro, agora orientador do trabalho que em seguida se apresentará, e que tem como pretensão, responder às exigências de uma dissertação de mestrado.

Essa escrita autobiográfica teve como objectivo um auto-conhecimento, através de uma introspecção, de um pensar sobre a construção progressiva do meu “eu” enquanto Sujeito.

Muito teria para escrever sobre a minha infância onde tudo realmente começou. Muito ficaria com certeza para dizer. Mas, o que me interessou realmente escrever, foi sobre o meu percurso profissional.

Quando acabei o 11º ano inscrevi-me no programa Ocupação de Tempos Livres (OTL) para jovens, que iria decorrer em Junho de 1983. Recordo com clareza que as minhas escolhas recaíram sobre o jardim-de-infância e a creche. Passada a inscrição, não liguei mais ao assunto, até porque não tinha muita esperança que me seleccionassem pois éramos muitos jovens inscritos.

Fui chamada para me apresentar na Mini-Creche "A Joanelha". Não sabia da sua existência, onde se localizava, mas sabia que ia trabalhar com crianças, o que ia ao encontro do meu faz-de-conta de menina.

Estava nervosíssima quando entrei pela primeira vez na “Joanelha”. Perguntaram-me o que queria, e eu disse, que me tinham chamado do programa OTL para trabalhar ali uns dias. Levaram-me à coordenadora e apresentaram-me como a miúda que vinha fazer a praia. Conteí que a única experiência que tinha com crianças era ter um irmão mais novo de que eu.

Fiz a praia com as crianças, nunca tinha ouvido falar em rotinas e a creche para mim era um sítio onde se tratava de crianças pequenas e bebés quando as mães iam trabalhar. Não pensei em educação ou em desenvolvimento, ou se pensei a distância entre o pensamento anterior e o de hoje é tão diferente, que nem consigo recordar.

Depois, funcionamento da instituição, a existência de uma Direcção, era completamente desconhecido para mim.

Eu estava a ser observada sem o saber. A passagem pela “Joaninha” era só por uns dias e eu desconhecia que o seu espaço físico ia ser ampliado, que iriam precisar de mais pessoal, e então trabalhava espontaneamente, tal como eu era, sem artifícios para conseguir alguns benefícios posteriores. Mas, uma coisa eu tinha, e ainda hoje considero ser uma das competências mais importantes de um educador de infância, eu era capaz de estabelecer uma relação empática com as crianças e de “achar interessante as coisas” que faziam.

Então, as pessoas de instituição juntaram algumas das minhas qualidades que julgaram importantes para uma pessoa trabalhar com crianças: a minha capacidade para me relacionar com as crianças, a minha sensibilidade para tratar delas, a maneira como eu lhes falava, a minha alegria que era demonstrada pelo meu sorriso "de orelha a orelha" o interesse em aprender rapidamente como as “coisas” funcionavam, o meu à vontade e alguma segurança naquilo que fazia.

A praia acabou, e adeus “Joaninha”. Disseram-me para as visitar quando tivesse oportunidade. Eu voltei, voltei várias vezes e comecei a ouvir conversas sobre o "outro lado" que ia abrir. Perguntavam-me muito subtilmente se tinha gostado de lá trabalhar, e outras conversas que me encheram de expectativas. Nada me disseram e a Joaninha fechou no mês de Agosto para férias. Adeus “Joaninha”.

Na penúltima semana de Agosto bateram-me a porta de casa e, para meu espanto e embaraço, vi que eram os senhores da Direcção da “Joaninha”.

Disseram-me simplesmente:

- Você quer ir trabalhar para ali?

Tremi e gaguejei, quero...

- Então apresente-se no dia 1 de Setembro. Disseram-me.

Assinei o meu contracto de trabalho com a “Joaninha” no dia 1 de Setembro de 1983 com a função de monitora infantil, por um período de 6 meses de experiência.

O contracto tinha uma cláusula; para além de tratar das crianças eu tinha serviço de polivalência que incluía ajudar na cozinha quando necessário, limpar as salas, limpar o exterior...

Não me importei porque o que eu queria era trabalhar com as crianças, e estudar mais nem pensar!

Só lia livros sobre crianças, claro que nenhum dos que tenho lido ultimamente. Comprei um curso de puericultura de ensino à distância. Era muito importante para mim. Tinha presente todo o calendário das vacinas das crianças, os sinais e sintomas das doenças infantis, como proceder perante uma febre alta, como dar um biberão... enfim algumas utilidades práticas outras, nem por isso.

A grande verdade é que eu trabalhava com grande entusiasmo, fazia o melhor que podia e sabia. E a paixão pela profissão foi crescendo.

Educadora de infância? Não tinha pensado nisso. Ninguém era educadora naquela instituição. Nós trabalhávamos "tão bem".

Comecei a notar a diferença quando fazíamos acções de formação no Centro Regional de Segurança Social ou as que eram organizadas pela Escola Superior de Educação de Setúbal, (ESE) onde estava em

contacto com as educadoras profissionais. Mas sinceramente não achava que a diferença fosse muita, elas faziam o mesmo que nós, o que tinham a mais era o diploma.

A grande diferença começou a notar-se quando seis anos depois de ter começado a trabalhar, a Direcção contratou duas educadoras de infância.

Modificaram quase tudo. Desceram prateleiras e puseram-nas ao alcance das crianças, imagine-se para os miúdos desarrumarem tudo, já não tínhamos prateleira para pôr os pratos da comida das crianças que geralmente comiam três ao mesmo tempo. Colherada a um colherada a outro. Disseram-nos que as crianças deviam comer uma de cada vez, e que a pessoa que a alimentava devia mudar-lhe a fralda, deitá-la, devia acompanhar toda a sua rotina. **Rotina???**

O que nós comentávamos nas costas delas, é que tinham vindo atrapalhar o serviço todo. Ora, uma dava o comer, outra lavava as mãos, outra punha no bacio e outra deitava. Parecia-nos muito melhor, mais organizado.

Estas entre outras práticas desadequadas eram feitas sem que delas tivéssemos consciência. Não foi de um dia para o outro que as educadoras conseguiram que a equipa trabalhasse em sintonia, que houvesse coerência de atitudes entre os adultos, pois ainda durante algum tempo não existiu continuidade. Quando a educadora estava fazia-se como ela exigia, quando não estava, fazíamos à nossa maneira.

Mas principalmente a coordenadora da Joanhina, a educadora Sofia Figueira, não desistiu.

Pela situação do espaço físico da Joanhina, que funciona em dois apartamentos, a equipa de trabalho está dividida em duas sendo que cada qual tem uma educadora responsável de sala, inclusive no primeiro berçário.

Sinto-me beneficiada por ter feito parte da equipa da educadora Sofia Figueira. Ela investiu tanto na formação da sua equipa, quer nas reuniões de trabalho, quer pela leitura de textos que considerava acessíveis, explicando o porquê e a importância das atitudes das pessoas, que eu comecei a notar a distância, comecei a questionar-me, a agir de forma mais adequada com as crianças mas, com muitos porquês.

A necessidade de aprender era cada dia maior. A frustração por não conseguir um dia ser educadora de infância, atormentava-me, era muito difícil superar os conflitos psicológicos. Não se tratava de economizar algum dinheiro para se comprar o que se pretende, era algo diferente. Tratava-se de Ser o que eu nunca haveria de conseguir ser.

Esta passagem da minha autobiografia é penosa porque envolve memórias muito angustiantes e o meu sofrimento relacionava-se com um curso que eu nunca teria oportunidade de fazer.

Quando surgia algum aborrecimento, mesmo que não estivesse relacionado com o trabalho, a frustração, essa fogueira que me queimava por dentro ateava ainda mais. Cheguei a agredir-me em pensamentos e em palavras.

O meu marido começou a ver que eu não tinha paz interior, que o meu grande problema era só um – gostar de crianças para mim não era o suficiente, eu tinha necessidade de Ser e de Saber-fazer.

Não era para ganhar mais ao fim do mês, porque as educadoras até têm vencimentos baixos. Era cá dentro, fazia-me falta ao meu Eu, era uma identificação pessoal.

"Empurrou-me". - Vai estudar.

Para mim era impensável. Como? Com uma criança tão pequena. Eu nem tinha o 12º ano.

As colegas da “Joaninha” também acreditavam em mim. Viam que eu não me queixava por me queixar era algo de muito mais forte. Então a colega Piedade também me "empurrou": A Ilda vá matricular-se, os horários cá na instituição hão-de arranjar-se.

Senti-me muito apoiada. O meu marido, as colegas acreditavam em mim. E eu, também comecei a acreditar que com muito esforço seria capaz.

Matriculei-me e escolhi o horário que melhor se adaptava ao da “Joaninha”. Chegava uma hora mais tarde ao trabalho, mas a Piedade fazia por mim. Como não prejudicava o funcionamento da instituição, a Direcção concordou.

Fiz o 12º ano. Que felicidade. Só faltavam fazer as provas de acesso ao ensino superior. E fiz, mas não fui colocada. Chorei amargamente de desgosto. Eu nunca chegarei a Ser!

Não desisti. Estudei durante o ano inteiro para fazer novamente as provas. Uma colega ainda me disse: Vais estudar outra vez? És maluca!

E talvez fosse, uma maluquice que me iria curar uma grande ferida, que doía e não sarava.

Perto da saída dos resultados das provas, a ansiedade era grande demais. Dizia: Eu não vou entrar, já sei que não vou entrar.

Vais sim, disse o meu marido, este ano vais estudar.

Matriculei-me no Instituto Jean Piaget, antes de saírem os resultados nacionais.

Dias depois, saíram os resultados. Eu entrei na ESE de Setúbal, e como não podia deixar de ser, para a minha única opção para todas as escolas a que concorri: O Curso de Educadores de Infância

.

Agora eu estava na ESE. Uma mudança na minha vida.

Muitas dificuldades, os horários não eram compatíveis, mas tudo se arranjou. Desistir? **Nunca!**

Trabalhava dois dias por semana. Ganhava para pagar a mensalidade do jardim-de-infância da Ana.

Não foi um ano fácil e, posso dizer, que foi até o mais difícil para mim. Não no que se refere ao plano de estudos, porque disso eu tinha uma fome imensa, mas o ritmo que era exigido. Excepto o 12ºano, eu já não estudava há treze anos.

Na creche escrevia pouco, aquelas primeiras leituras tinham deixado de me interessar porque já não me traziam nada de novo, não havia desafio.

Não conseguia acompanhar os professores, dar-lhes atenção, e ler os acetados.

Chegava a casa exausta.

Em casa tinha dois filhos pequenos. Ela com oito anos, ele com quatro. Um marido cheio de boa vontade, que me ajudava imenso, mas mesmo assim era difícil para mim gerir todas as minhas tarefas: a de mãe, esposa, estudante, trabalhadora e doméstica.

Este primeiro ano foi muito positivo apesar, de todas as dificuldades.

Apesar destas dificuldades foi com imenso prazer e com muita vontade que "regressei" à escola. O meu projecto de renovação profissional, de Ser e de Saber-fazer, era vasto e complexo. O maior desafio era o de encontrar ao longo deste percurso, um equilíbrio entre o meu "eu" mãe, esposa,... e o meu "eu" auxiliar

de acção educativa - educadora em formação inicial. Um equilíbrio, entre a informação que recebia das minhas professoras, e a minha formação (auto, eco e hetero), ao nível do carácter, da reflexão crítica, da abertura de espírito, da consciência cultural.

### **Do Vivido ao Pensado**

As aulas, os textos de apoio, a pesquisa bibliográfica, os trabalhos escritos, os estágios em diversas realidades educativas, são na minha perspectiva, um todo articulado que encoraja a reflexão e provoca o entendimento. Por isso, as nossas trocas nas aulas entre professores e colegas de curso, a teoria e sua operacionalização na prática, a necessidade de submeter as nossas experiências à discussão e reflexão crítica, a abertura dos professores a um atendimento e orientação mais personalizada, possibilitaram a conclusão do curso de formação inicial.

A relação vivida entre alunos e professores, motivou os alunos para perguntar, educou-os para o dever de perguntar, de analisar, de seleccionar, de avaliar e de construir de forma autónoma, uma perspectiva sobre a educação da infância. Esta é uma autonomia aprendida e construída ao longo da caminhada do aluno-educador de infância.

A variedade de perspectivas, teorias e metodologias educacionais apresentadas, algumas delas contraditórias ou já pouco praticadas, foram essenciais para provocar a discussão, a reflexão individual ou colectiva no contexto de sala de aula, nos estágios, com familiares ou grupo de amigos.

A centração no desempenho dos alunos, os instrumentos fornecidos para a sua acção pedagógica, permitiu que a ligação entre os conteúdos, a reflexão e os seus efeitos práticos se estabelecesse, e que fossem ultrapassadas as dificuldades inerentes ao processo de ensino-aprendizagem. Contribuíram para tal, a importância dada ao informal, ao vivenciado, aos saberes utilizados, experimentados ou produzidos, quer em contexto de sala de aula ou nos estágios.

Este foi todo um processo de construção de pensamentos e experiências, durante o qual um pensar mais qualificado, cresceu e amadureceu.

Intelectualmente mais activa e emocionalmente mais tranquila, tenho agora a possibilidade de expressar com mais objectividade os meus pontos de vista, e sinto que tem mais credibilidade para os outros o que digo, escrevo ou comunico.

Este crescimento trouxe-me "transformação", mudanças significativas na minha forma habitual de relacionamento com os outros. Embora possa errar, estou mais exigente comigo própria, e tento ver de forma mais consciente e reflexiva, como é que as minhas acções podem ser contrárias às minhas intenções, isto é, o que penso estar a fazer corresponde realmente ao que faço? Como são as minhas atitudes interpretadas pelos outros, qual a imagem que lhes passo?

Uma reflexão sobre a minha postura, os meus comportamentos e acções para com os outros e perante os outros, é essencial para o estabelecimento das condições que me vão progressivamente proporcionando a capacidade de diferenciação, e por isso também, a de um conhecimento de mim própria.

Por vezes, do nosso ponto de vista (subjectivo), as coisas podem parecer menos distorcidas do nosso lado, do que por parte dos outros que assumem interpretações diferentes da nossa. Na verdade a nossa interpretação nunca é apenas nossa. Ela resulta de uma simbiose entre o individual e o social, onde outras concepções e interpretações se cruzam.

Quando por vezes surgem interpretações ou opiniões que não vão ao encontro das necessidades que para nós no momento nos parecem prioritárias, surgem fricções na relação com os outros, sentimentos de inimizade, tensões interiores que nos provocam pensamentos muito desencontrados, dada a confrontação a que somos sujeitos. Urge nesses momentos, travar certos ímpetos e comportamentos pessoais, condicionar a agressividade sentida, direccionar a atitude de forma positiva pois, as atitudes polémicas tendem a desencadear conflitos.

Mesmo que a situação se apresente bastante difícil com é exemplo uma licença sem vencimento prolongada, para uma pessoa que desejava ser educador de infância, (desejo este que envolveu uma escolha, implicou uma decisão, e simultaneamente implicou a acção de iniciar e acabar um curso, para que posteriormente, visse a sua intenção realizada, ser educador de infância, porque desenvolveu a sua acção activamente nesse sentido), quando se solicita aos professores um estágio no seu local de trabalho o qual é adequado à prática do mesmo, e se recebe respostas contraditórias, um sim por parte de quem já teve uma experiência de vida difícil numa situação análoga, e um não por parte de professores com total desconhecimento das dificuldades da situação, os sentimentos podem na verdade ser muito desconcertantes.

A inconformidade que se vive perante situações difíceis, a incapacidade face a quem detém o poder, perante os seus argumentos com pouco sentido para nós, e até uma falta de coerência, faz-nos sentir a necessidade de nos voltarmos para dentro de nós próprios, para que nos possamos recuperar das exigências do mundo exterior.

Muito sinceramente, ainda hoje tenho dificuldade, em compreender a coerência do argumento: "... não pode fazer estágio no seu local de trabalho, porque é bom para a sua formação conhecer novos contextos educativos, novas realidades,..."

Que novo contexto? Fui colocada no 4º ano do curso (ano opcional) no mesmo contexto educativo e exactamente na mesma sala onde tinha feito estágio no 2º ano do curso.

Quase quatro anos de licença sem vencimento, dois dos quais vividos com uma situação de desemprego por parte do marido (com todas as dificuldades que lhe são inerentes para além das monetárias), obrigam um casal com filhos a fazer muitas opções difíceis, entre as quais, prescindir da frequência um dos filhos, das Actividades de tempos Livres do (ATL) por não se conseguir suportar mais uma despesa.

Mas tudo foi ultrapassado e não ficaram mágoas, muito embora possa deixar transparecer ainda, alguma inquietação. Não está esquecido, mas está superado.

Estes são momentos da nossa vida em que temos que recorrer à introspecção, porque não gostamos dos sentimentos que experimentamos, necessitamos de analisar as nossas atitudes, mesmo fazer autocrítica, face a sentimentos e emoções acerca daqueles que nos rodeiam. Penso que esta será uma das vias para

termos a noção exacta de nós mesmos, conhecermo-nos melhor, evitando ou "rodeando" o que seja negativo, e seleccionando qualidades que convém explorar, porque o objectivo final é muito gratificante. Depois, desistir não faz parte do meu projecto de vida, e o abandono é para mim, o pior dos fracassos. Apesar de perante um problema existirem quase sempre vários ângulos, e o nosso por vezes não coincidir com o dos outros, temos que nos esforçar por dar uma boa utilização às nossas energias, evitando ressentimentos, e não desprezar a colaboração dos outros, por divergências que surjam ou por antipatia. Temos que desenvolver estratégias para minimizar os problemas, em prol de outros ou de projectos importantes, que exigem uma atenção mais urgente, para conseguimos alcançar os objectivos que nos trazem maior projecção profissional e pessoal.

## **Anexo 2: Quadro das Freguesias do Concelho de Setúbal**

### **Anexo 3: Transcrição das entrevistas**

## **Transcrição da entrevista**

**Entrevista à educadora Cláudia**

**Dia: 19 de Janeiro de 2007**

**Duração: 20 minutos.**

**Entrevistadora: Quero dizer-te que a entrevista é confidencial e que será assegurado o anonimato das entrevistadas.**

**Pergunta<sup>1</sup>: Há quantos anos és educadora, em que escola fizeste o curso, em que instituições tens trabalhado e que funções tens exercido?**

**Resposta<sup>2</sup>:** Sou educadora há seis anos e meio, tirei o curso na Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE de Setúbal) e até agora o meu primeiro trabalho foi uma baixa de parto na Liga dos Amigos da terceira idade (LATI), onde fiquei cerca de cinco meses. Depois vim fazer uma baixa de parto para o Cogumelo. No LATI estive numa sala de um /dois anos, portanto no 2º berçário. Aqui no Cogumelo vim também substituir uma educadora que estava de baixa de parto. Fiz cerca de seis meses nessa altura. Entretanto, saiu uma educadora para uma experiência nova. Ou seja, voltei ao passado, comecei novamente numa sala de um/dois anos, este ano, porque abriram entretanto, mais duas salas de creche, cá no Cogumelo... (silêncio).

As funções têm sido sempre como educadora responsável de sala.

**Pergunta: Gostaria que me falasses um pouco do teu quotidiano com as crianças.**

**Resposta:** Ai tanta coisa,...

**: Pois é,...** (risos)

**Resposta:** Eu se calhar vou-te começar por falar desde Setembro até agora porque lá no fundo é toda uma etapa...

**Pergunta: Claro...**

**Resposta:** que se tem vindo a processar.

O nosso hábito aqui é fazer sempre uma entrevista com os pais no início do ano, como normalmente se faz em todas as instituições, para eu ter em conta realmente a tal situação familiar. Conhecer melhor a criança, os hábitos que traz, a nível da higiene, da alimentação, porque são crianças muito pequenas e então nós temos o cuidado de fazer essa entrevista. Depois tudo é passado para uns placards que eu utilizo na sala para todo o pessoal da sala estar desperto para essa situação, em que reunimos no início do ano, em que explicamos que crianças é que vão entrar, para as auxiliares também estarem um bocadinho despertas, para os hábitos que as crianças trazem, que objecto de transição é que utilizam, se utilizam se não utilizam, como é que lhes chamam, terem em atenção esses pequeninos pormenores, porque quando a criança entrar em Setembro, precisamos estar mais despertas e mais sensíveis para isso.

Depois em Setembro quando as crianças entram, tentamos sempre fazer com que a adaptação se processe de uma forma progressiva, sempre que há possibilidade, porque às vezes os pais não conseguem, não há

---

<sup>1</sup> Pergunta – refere-se à entrevistada

<sup>2</sup> Resposta – refere-se à entrevistada

disponibilidade, tentamos que os pais fiquem um bocadinho na sala. Este ano foi muito complicada a adaptação, porque eles vieram lá de cima, era um grupo de oito crianças que vinham em conjunto, entraram mais crianças para completar o grupo.

**Pergunta: Lá de cima de onde?**

**Resposta:** Do Sol. Porque entretanto nós abrimos lá temporariamente, até estas instalações ficarem prontas e quando ficaram prontas, as crianças vieram para as instalações novas. Além disso temos no grupo uma criança com paralisia cerebral que já vinha connosco desde o ano passado que apesar de ter mais um ano do que as outras crianças, continua com a mesma equipa porque achámos que era mais estável para a criança. Por isso a adaptação em Setembro, foi um bocado mais complicada. Era pôr as camas e eles já estavam a tirar os lençóis, porque o espaço depois condiciona, não é? Aquela situação,...mas é muito bom olhar hoje em dia e ver que evoluíram muito que já conseguem sentar à mesa sozinhos e que já aguentam aquele período de tempo ali, tudo isso.

Ah! Em relação ao trabalho que desenvolvemos com as auxiliares é aquilo que te falei. O facto de termos reuniões periódicas na sala desde logo, desde do início para que todas possam estar informadas, a par da situação da criança, para estarem despertas para tudo isso. Depois esporadicamente durante o ano também vamos tendo reuniões, sempre que necessário, normalmente uma vez por semana, mas nem sempre se consegue porque às vezes o tempo é mesmo feito, mesmo ali com os miúdos na sala, mas tentamos que haja esses momentos de reflexão e partilha.

Depois o dia-a-dia é muita, é muita, relação porque estas idades ainda dependem muito do adulto e procuram-nos muito, e o colinho e o aconchego, passa muito por aí.

Os que chegarem mais cedo de manhã, são recebidos as auxiliares. Elas alternam o horário semanalmente, uma semana está uma, uma semana está outra. Quando eu chego já muitas estão na sala, mas ainda faço o acolhimento a algumas crianças. É respeitar muito aquele período da manhã em que eles chegam e às vezes ainda vêm com soninho, e estão um bocadinho ao nosso colo, temos que estar despertos para isso e depois quando eles querem brincar, é largá-los e deixá-los ir. Passa muito mais pela relação do que propriamente pelas actividades. Às vezes quando nos chegam as estagiárias têm muito essa preocupação. *E agora o que é que eu vou fazer?* E nós tentamos sempre despertá-las para que o importante ali é a relação, que depois as coisas vão acontecendo, ao seu tempo ao seu ritmo, mas estar despertas para isso, e que é muito mais importante o processo que o produto final. Aquilo que se vê agora e o que se observa no final, mais tarde, com o progresso das aprendizagens.

Depois a nível de planificações de projecto, existe o projecto de sala, existem os planos mensais, que nós fazemos todos os meses, com objectivos sempre a longo prazo, porque pronto passam muito pela autonomia pela relação entre eles e são avaliados no fim de cada mês em conjunto com as auxiliares e depois as planificações das tais,... No outro dia a Sofia dizia, das actividades não propostas, e das propostas, que lhes vamos fazendo ao longo do ano que podem incentivar vários, certos aspectos do desenvolvimento, essas planificações são feitas com as auxiliares também, e são avaliadas posteriormente.

Existem registos fotográficos, registos vídeo, registos escritos, isso vai ser tudo arquivado num dossier. Eu digo sempre que o projecto não é aquilo que está ali, que eu tenho que dar à directora, que a directora tem que mostrar à Segurança Social. O projecto é aquele dossier que sai no final do ano que tem ali tudo, e que tem uma riqueza muito grande a nível de imagens, de expressões, está lá tudo ali completo.

Ao nível de relação com os pais, que depois temos as várias vertentes, já falei da, ajuda-me já falei do quê?

**Pergunta Entrevistadora: Já falaste tanta coisa. Já falaste da relação com as crianças, das adaptações, do trabalho com a equipa, ...**

**Resposta:** O trabalho com os pais, pronto, é a tal ficha de abordagem no início do ano que fazemos, existe um caderninho individual para cada um que eu no início tentava fazer quinzenalmente, mas sabes como é que isto é, agora já passou para mensalmente, depois há aqueles pais que nos respondem, há outros que não escrevem, o que também frustra um bocadinho, mas pronto mensalmente tento,...

**Pergunta Entrevistadora: Acabas por escrever alguma coisa sobre eles.**

**Resposta:** Fazer alguma coisa sobre como é que eles estão na sala, o que tem acontecido, as peripécias que eles têm feito, aquela linguagem muito acessível, como se fosse a criança a falar,...

**Pergunta: Exactamente, ...**

**Resposta:** que os pais alguns,

Entrevistadora: Na primeira pessoa, ...

**Resposta:** Sempre na primeira pessoa, que os pais depois devolvem, alguns escrevem outros não, mas devolvem.

Depois temos um placar de informações onde está sempre exposto um texto, cada mês é um texto diferente. Também o envio para casa, com o caderninho, que tem a ver com questões que os pais colocam ou com questões que vão surgindo na sala, ou com acontecimentos que se estão a passar, por exemplo, no início do ano era muito as mordidelas, que eles estão muito naquela fase de morder e não sei quê,...então nós enviamos para casa um texto sobre o assunto. Agora o que enviamos este mês tem a ver com os cinco sentidos porque a última reunião de pais foi muito nesse sentido. Explorar através dos sentidos, através da acção, tudo muito o que defendemos nesta idade, tem tudo muito a ver com isso, foi esse o texto que enviamos esse mês. Cada mês é um texto diferente que pode surgir de diferentes coisas: interesses dos pais, acontecimentos da sala, interesses nossos, o que vai acontecendo.

Temos um mealheiro mensal, que os pais contribuem com um euro por mês, para comprar quer seja a prenda do pai, quer seja a prenda da mãe, temos sempre aquele fundo de maneio que dá para diferentes coisas. Temos mais o quê? Temos as fotografias, os registos fotográficos que os pais gostam sempre muito de ficar com aquelas recordações, então nós expomos e eles escolhem e há esta troca, essa partilha. Já houve pais que com esta história de enviar os textos para casa também nos têm enviado alguns textos, eles próprios por iniciativa, o que é muito bom também, mais deixa-me ver,... depois é toda a relação do dia-a-dia, todo o à vontade que eles têm para estar na sala, para ficar um bocadinho de manhã ou à tarde, conforme a disponibilidade. Eles entram, calçam os sapatinhos e vão, e por vezes algum pai até fica no tapete a contar a história. Há todo esse à vontade para os pais entrarem e ficarem. E as reuniões de pais que normalmente fazemos três por ano, já aconteceram duas, uma no início do ano e outra agora em Dezembro, no final de Dezembro, onde é dado um feed-back tanto de uma parte como da outra, como é que as coisas estão a decorrer, do que é que a gente pensa fazer com as crianças, o que é que a gente defende para as crianças, um bocadinho também de dar formação aos pais, não ser só a tal história de encarar a creche como um local onde estes ficam, onde eles estão de guarda, mas sim também como local onde há desenvolvimento, onde se proporcionam aprendizagens, para os pais estarem um bocadinho despertos para isso. Esta última reunião, foi ao encontro do que a estagiária está a fazer: ela propôs aos pais, serem eles a descrever uma observação que

façam em casa, da criança. Então eles levaram para casa uma folhinha, onde está o local da observação, a data da observação e depois a descrição do que é que foi feito, para eles também estarem despertos, para estas situações de aprendizagem.

Depois em relação à organização do espaço, ah, o que nós tentamos é que eles tenham o máximo do espaço liberto possível para poderem brincar à vontade, têm os objectos todos à sua disposição, sejam brinquedos, sejam os objectos de transição ou guardamos na gavetinha deles ou sempre ao alcance, por ali perto, para que eles possam recorrer quando quiserem e depois tentamos para que não haja aquela que às vezes se vê na sala, na creche ou no jardim, aquela sobre-estimulação, muita coisa, muita coisa que acaba por não, por quase não ser nada, temos assim um ambiente com umas cores suaves que sejam apelativas mas que não sejam aguerridas á vista, tentamos que o ambiente, ... mas depois acaba por condicionar um bocado como te falava, um bocado na altura das sestras.

**Pergunta: Pois.**

**Resposta:** Porque é assim: nós comemos e fazemos a sesta no mesmo espaço e para tentar organizar a rotina nós tentamos pôr as caminhas antes da refeição para quando eles acabam de comer ir mudando a fraldinha, e ir logo para caminha. O espaço acaba por ser muito reduzido, eles mesmo que acabem de comer e queiram andar ali pela sala, é complicado. O ideal mesmo, era ter um espaço à parte onde eles podessem dormir, mas como isso não é possível, a gente tenta adaptar e fazer da melhor forma, e é por isso que eu te digo, a sala está organizada daquela forma, de forma a que haja espaço para eles brincarem, mas também que haja espaço para pôr as camas de forma a que não tenhamos que mexer na sala todos os dias para mudar tudo. Pronto eles já vão compreendendo, a gente também vai dizendo não vão,... eles acabam de comer, ao fim ficam um bocadinho sentados à espera,... É a mesma história quando acordam à tarde. Porque lá está, o espaço é o mesmo. O ideal era que à medida que eles fossem acordando pudessem ir para outra sala. Ali vão mesmo ter que ficar na caminha até, ...lá está são as tais condicionantes, em que defendemos uma coisa, mas depois à medida que estamos na prática temos que fazer outra porque as condições são mesmo assim.

Não sei o queres mais em relação ao quotidiano, já disse tanta coisa

**Pergunta: Então vamos passar a outra questão. Tudo o que falaste, depois de tanta coisa, o que é que tu valorizas mais?**

**Resposta:** Não há dúvida nenhuma que é a relação. Porque mesmo que nós não quiséssemos é completamente impossível, porque é...Eles solicitam-nos tanto e procuram-nos tanto, e há tanto contacto físico e tanto carinho, que era impossível que não fosse a relação.

**Pergunta: Estás a referir-te à relação com o adulto?**

**Resposta:** Relação com o adulto e mesmo entre eles. Todo o ambiente da sala é um ambiente relacional, e nós vemos muito isso pela criança com paralisia cerebral. Eles acarinhos-no, eles fazem-lhe festas, eles dão-lhe beijinhos,... Tudo ali é baseado na relação. É uma coisa que se valoriza. Deve-se valorizar em todo lado, tanto em jardim como na creche, mas acho que na creche é uma coisa que está muito mais evidente, que salta muito mais à vista, a questão da relação.

**Pergunta: Então em tua opinião, que função e que responsabilidade tem a creche na formação da criança?**

**Resposta:** É como te dizia há pouco. Se bem que hoje em dia ainda há pessoas que encaram a creche com a tal função de guarda, e que as crianças estão lá e,... Eu acho que cada vez mais, e ainda bem que é assim, há a

tendência para encarar a creche com a função educativa onde há intencionalidade, onde as coisas não são feitas por acaso, onde a criança é valorizada, onde se acredita que ela é capaz de aprender por si mesma. Acho que é essa a nossa função também. Quando eu falo nas reuniões que é também um bocadinho dar formação aos pais é também nesse sentido, é fazer-los perceber que existe essa função na creche, que existe uma função educativa, que as coisas não acontecem por acaso, que existe uma intencionalidade quando estamos a fazer quer seja mudar uma fralda, quer seja na refeição, quer seja nas actividades que propomos, as tais propostas que fazemos, existe sempre uma intencionalidade educativa. É fazer ver isso tanto aos pais como às pessoas que estão, que vão trabalhar connosco no directo, porque por vezes não há essa sensibilidade.

**Pergunta: Com que dificuldades e constrangimentos te deparas no teu trabalho de educadora?**

**Já me falaste naquela condicionante do espaço, mas no fundo no teu trabalho que não é muito fácil, no teu trabalho de educadora...**

**Resposta:** Tirando a questão do espaço que já te falei, eu este ano, e o ano passado, não tenho problema nenhum em relação à equipa e tenho conseguido levar as coisas para a frente e são pessoas que estão dispostas e despertas. Às vezes o que acaba por acontecer, são as pessoas que já estão cá há muito tempo e às vezes é difícil chegar, porque não estão para aí tão viradas, pois existem coisas acima de nós, que não dão para fazer tudo aquilo que queremos. São as tais condicionantes, que às vezes são difíceis de ultrapassar e aquelas questões todas que nós nos colocamos, a nós mesmas: *será que estou a fazer da melhor forma? Será que não estou?* Eu tenho sempre o cuidado de ver tanto o ponto de vista da outra pessoa, tal como aquilo que está a acontecer. Tentar encontrar ali um meio-termo e tentar chegar à pessoa da melhor forma, mas nem sempre se consegue. E às vezes é mais em relação ao trabalho de equipa mesmo porque é assim, na relação com os pais até hoje, graças a Deus, nunca tive problemas de maior e tento sempre, acho que tem a ver com a forma como nós tratamos as pessoas, a forma como se fala. Nunca tive problemas em relação aos pais, nunca houve questões a levantar, tirando a questão do espaço, e essa questão do trabalho de equipa,... Estamos agora a colocar outra questão: a de não haver educadora no primeiro berçário. Porque a Direcção decidiu que não ia haver educadora no primeiro berçário. O que ficou decidido foi que a educadora que está na sala parque, que depois para o próximo ano vai ficar com essas crianças que saiem do berçário, que transitam para o segundo berçário, fica responsável pelo berçário, mas lá está, nós às vezes, nem na nossa sala conseguimos quanto mais ter a responsabilidade de duas salas.

**Pergunta Entrevistadora: Era isso que eu ia perguntar:**

**Como é que a educadora faz para poder ser responsável por duas salas?**

**Resposta:** O ano passado ficava eu que eram os tais meninos, que eu te dizia, que vieram do Sol. Eu ia lá uma vez por semana, mas uma vez por semana era, não é nada e acabamos por nos sentir frustradas porque não conseguimos desenvolver um bom trabalho com aquelas crianças, e acabamos por nos sentir frustradas. Porque também a nossa sala quer queiramos quer não acaba por ficar desfalcada de qualquer das formas. O que eu fazia era ir lá uma vez por semana. Por acaso era no dia que eles tinham a expressão fisico-motora, porque era um dia em que a manhã já estava mais ou menos organizada e eu disponibilizava-me, mas é muito pouco, e o que aconteceu este ano, com a educadora que está este ano responsável é a mesma coisa. Nós sentimos que é muito pouco. E é a tal história que as pessoas ainda não acreditam que é importante uma pessoa no berçário, uma educadora no berçário porquê, porque não?

Porque é que têm que ser três auxiliares e não haver uma educadora no berçário? E então o problema com que nós nos deparamos agora, é mesmo esse, é não haver uma pessoa responsável naquela sala, porque no fundo é gerir duas equipas e dois grupos e dois grupos de pais, e acabamos por ver que não consegue, que não consegue,... que é muito pouco aquilo que se faz.

**Pergunta: E os pais em relação a essa situação? Como é que vêm?**

**Resposta:** Os pais foram avisados no início do ano que as coisas iam decorrer assim. O que acontece é que a educadora está sempre aí. Quando há alguma questão, há a possibilidade de lha colocarem, mas pronto, acho que os pais também gostariam que existisse uma pessoa,... Não quer dizer que a pessoa que lá está não seja capaz, é que não,...

**Pergunta: Exacto,...**

**Resposta:** Mas acho que havendo uma educadora no berçário, tirava estes problemas todos, porque é um peso em cima das costas da pessoa que está responsável, com peso a mais e acho que os pais de certeza gostariam que existisse uma educadora no primeiro berçário. Mas é a questão que se coloca, e a Direcção decidiu assim, e vamos ver até quando.

Se a Segurança Social dissesse hoje que sim senhora, era obrigatório, eles teriam que pôr, mas como a Segurança Social também não faz muita força, acaba por acontecer assim.

Não sei o que é que queres que diga mais.

**Pergunta: Queres acrescentar alguma coisa mesmo sobre as outras questões?**

**Resposta:** Deixa lá ver se falei de tudo,... Não sei.

Depois em relação ao quotidiano nós também recebemos estagiárias. Estagiárias este ano só da ESE, do Piaget este ano não recebemos. Que é sempre uma mais valia para a sala, porque nos trazem ideias novas, porque mais não seja, é uma pessoa que está ali, às vezes até faz com que tenha que ser mais exigente comigo mesma, porque no fundo eu estou a avaliar mas estou a ser avaliada também. Não é? E traz sempre um ar novo à sala e faz-nos reflectir sobre coisas que agente até não está, estamos a fazer quase como por rotina, e é sempre bom, que isso aconteça. De resto não vejo assim mais nada em relação ao quotidiano.

Temos, mas isso tem a ver com a organização da equipa, temos reunião quinzenal de educadoras, existe reunião da Directora com as auxiliares também, uma vez por mês. Penso que em relação à organização não há assim mais nada.

Não queres que acrescente mais nada?

**Pergunta: Vê lá tu é que conheces o teu quotidiano. Se quiseres,... de qualquer forma a entrevista depois de transcrita ser-te-á devolvida, podes modificar alguma coisa do que disseste, ou acrescentar. Portanto não ficamos por aqui.**

**Resposta:** Está bem. Então se fôr preciso acrescentamos alguma coisa.

**Pergunta: Quero agradecer-te a tua disponibilidade, obrigada por ajudares e participares neste trabalho. Depois devolvo-te a entrevista.**

**Resposta:** Está bem.

**Entrevistadora: Obrigada.**

## **Transcrição da entrevista**

**Entrevista à educadora Ângela**

**4 de Abril de 2007**

**Duração: 45 minutos.**

**Entrevistadora: Quero dizer que esta entrevista é confidencial e que será assegurado o anonimato das entrevistadas.**

**Pergunta: Então gostaria de saber à quantos anos és educadora? Em que escola tiraste o curso? Em que instituições tens trabalhado e que funções tens exercido?**

**Resposta:** Olá, boa tarde. È com muito prazer que eu participo nesta tua entrevista, e espero que possa colaborar o mais possível neste teu trabalho. Sou educadora há 12 anos, terminei o curso que fiz na Escola Superior de Educação (E.S.E.) de Setúbal, que acabei em 1994, na altura ainda era só bacharelato, comecei logo a exercer... no início ainda estive uns 7 meses parada, por não encontrar saída profissional, mas ao fim de 7 meses consegui fazer um prolongamento no ensino público, das 15.30m às 19.00h, que foi muito engraçado, com idades dos 4 aos 6 anos, tive 1 ano a exercer na escola pública, que foi muito interessante, um trabalho muito engraçado, foi o único trabalho em que estive em jardim – de – infância, depois desse tive uma experiência de 5 meses em creche, que depois tive a sorte de voltar à mesma creche na qual tinha feito esses 5 meses e até agora estou nesse sitio a exercer há uns 10 anos consecutivos.... hum. o que é que eu posso dizer sobre isto....

**Pergunta: Que funções tens exercido?**

**Resposta:** Pronto, sempre tive como educadora dos 3 meses aos 3 anos e tem sido sempre um trabalho que tenho desenvolvido ao longo deste tempo. O que aconteceu nesse período... depois soube que o nosso curso ia ter licenciatura e voltei à minha escola de formação, à qual concorri e consegui entrar e tirei a licenciatura há 2 anos, portanto, tenho a especialização em educação em 1º infância.

**Pergunta: Gostaria que falasses um pouco do teu quotidiano com as crianças!**

**Resposta:** O meu quotidiano com as crianças, é o que eu considero um quotidiano muito cheio, porque considero o trabalho de creche um trabalho muito intenso e todos os dias são dias importantes...aaaa... por isso o nosso trabalho logo cedo começa com uma intensidade muito grande, começa logo com a recepção, que eu acho muito importante, o acolhimento das crianças e suas famílias. O meu quotidiano começa logo com trocas de recados, de gracinhas, de tudo o que é importante para a criança... serve para nós transmitirmos aos pais o desenvolvimento que eles estão a adquirir... começa assim com muita troca, com muita disponibilidade nossa, temos de estar sempre disponíveis, é muito importante que eles sintam a disponibilidade da nossa parte, o nosso sorriso, porque por muito que nós tenhamos problemas, pois dificuldades todas nós temos (não somos super - mulheres!) nós temos de pensar que o nosso dia ali na creche tem de começar bem, que os pais estão a sentir que são bem recebidos e que nós estamos disponíveis para os acolher, para responder às suas dúvidas, aos seus recados e... nós tentamos estar com aquele sorriso nos lábios, encontramos-nos muito prestáveis (educadas mas não servis!)... Começa assim...

a rotina começa logo com o acolhimento, depois é, dependente das idades das crianças, nós temos... agora estou com o 1º e 2ª berçário... de começar a organizar a sala, como eu digo, de maneira a satisfazer as crianças, cada criança, possa satisfazer o ritmo de cada criança.... e então a partir daí tenho de ver o que é que a criança necessita... se necessita de descansar; se fica na sala a brincar, se necessita um bocadinho de mais calma, se necessita de comer, ou mudar a fralda e tudo mais... tentar organizar, perceber através dos sinais que eles nos dão, o que é que nós iremos fazer ao longo da manhã. Nós não temos em creche, pelo menos na nossa instituição, não temos o factor das actividades, o peso das actividades, elas existem de facto, mas não é uma coisa que seja primordial no nosso dia-a-dia. Fazemos! Fazemos muita coisa e variada com as crianças, independentemente do número disponível de crianças que esteja ou não na sala ... Uma questão à qual dou bastante importância, é há organização dos espaços e materiais, pois sei que disso depende grande parte do sucesso do nosso dia – a- dia. Isto é: se eu organizar as salas de acordo com as diferentes idades e necessidades das crianças, eu terei maior oferta e disponibilidade para as crianças, se proporcionar espaços amplos diferentes, desafiadores com materiais adequados e sempre acessíveis às crianças, eu vou proporcionar às crianças um maior espaço de descobertas e de desenvolvimento. Estou a contribuir para um desempenho mais autónomo e independente. Quando falo nos materiais incluo também os brinquedos e outros objectos de afecto, que as crianças trazem para a nossa sala. Pois sei que para além de os acalmar, dá à criança um cheirinho da casa, um conforto e segurança. Depois vem a outra parte do dia que é importante; a hora do almoço. À hora da refeição, lá está, cada criança almoça ao seu ritmo. Se uma criança comeu muito cedo, vai almoçar primeiro, se alguns estão a dormir nesse entretanto, porque acabaram por brincar toda a manhã, vão dormir mais perto da hora do almoço, porque não há necessidade de todos comerem à mesma hora, de dormirem ao mesmo tempo, nós tentamos respeitar ao máximo, embora tenhamos sempre aquela hora alargada de almoço, mas temos a possibilidade de ter uma criança, por exemplo, a almoçar às 13.30m /14.00h se for o caso, ou almoçar a meio da manhã; às 10.00h /10.30m. Após a hora do almoço vem a parte da higiene, a parte da muda de fraldas, que é muito importante. Há muitas pessoas que "andam" nesta profissão a pensar que estes são momentos não gratos. Eu passo a explicar. Tenho conhecimento que a hora da muda, ou da refeição são momentos menos dignos para um profissional de educação... pelo contrário, são os momentos mais ricos que uma pessoa pode ter, porque o contacto na muda de fraldas com a criança, se esta não se sente à vontade, não vai ter uma relação connosco, não se vai sentir bem, se estivermos a despi-la, a mudar a fralda e não a encarmos, ou quando lhes damos a alimentação e não a encarmos... não estamos disponíveis para esses momentos tão ricos no quotidiano... Mas que nós tentamos valorizar sempre.... Após as refeições quem precisa vai dormir, quem não precisa fica na sala, nós temos uma estrutura que felizmente o permite. Temos 3 salas que servem de uma forma muito polivalente, embora a sala do berçário seja sempre berçário, temos sempre uma sala disponível para quem não tenha que dormir esteja a brincar sem incomodar os restantes. De facto, isso acontece quase todos os dias, pois as crianças dormem a horas diferentes, portanto temos sempre a sala maior com crianças para que possam brincar ou até repousar.

Portanto... não há assim... o meu quotidiano é sempre preenchido. Não temos momentos "mortos", não os há, existem sempre crianças na sala e isso prolonga-se até ao lanche, alguns continuam a dormir, outros lancham, tentamos ao máximo respeitar o ritmo individual de cada criança. De facto, temos a rotina

instaurada, mas não está assim tão bem definida, porque é a criança que a faz e nós tentamos adequar a nossa estrutura à criança e não vice-versa, porque a partir daí há muita brincadeira no meio, as rotinas são sempre acompanhadas de muita interação, muitos momentos de partilha, porque nessas idades, mais do que tudo temos de construir a relação... e a relação não tem hora marcada, não é? É ao longo do dia e nós temos de estar disponíveis para a criança... E respeitá-la até nisso... até nisso no sentido de... O importante é isso, não é só respeito a nível de horários de dormida e alimentação... Com essa disponibilidade acabamos por chegar ao final do dia, as crianças começam a sair, umas mais cedo, outras mais tarde... e lá está novamente o contacto com os pais, a entrega da criança à família, a família vem com mais disponibilidade à tarde do que de manhã, têm mais vontade de ficar, entrar na sala, de perguntar como correu o dia, esclarecer algumas dúvidas, algumas dificuldades que eles também as têm lá em casa! Nós também temos as nossas dificuldades e falamos com eles para que possamos construir um elo de ligação cada vez mais forte, para ajudar a criança a crescer harmoniosamente.... E é assim o meu dia-a-dia.

**Pergunta: De tudo o que falaste que aspectos valorizas mais?**

**Resposta:**No trabalho em creche? Valorizo acima de tudo a relação. Nada se faz (quase como em tudo na vida) sem ela, na creche então tem de ser a base, a relação que nós construímos com as crianças, com as famílias...

**Pergunta: e como é que fazes, para exactamente, dar prioridade a essa relação. Como é que tu fazes?**

**Resposta:** Acima de tudo, na abertura, desde o primeiro momento em que os pais vão inscrever a criança. Começa logo aí! A nossa porta está sempre aberta e nós quando os pais nos chegam pela primeira vez e querem saber as condições, saber se temos vagas, fazer a primeira inscrição, temos sempre a porta aberta para mostrar aos pais, pois não é só estar no gabinete e dizer: "Olhe, nós fazemos isto e isto..." Não! Os pais constatarem que é assim que se faz, eles vão às nossas salas e vêem que nós trabalhamos com a porta aberta... eles têm consciência que vêem o que nós fazemos, não só o facto falado, mas sim o facto feito.

A nossa relação começa logo por aí, depois temos o contacto com as entrevistas, quando a criança é seleccionada, existe uma entrevista com a educadora que vai ficar com a criança, e, mais uma vez voltamos a reforçar a nossa pedagogia, nós reforçamos o que defendemos, que é uma postura perante a criança muito aberta... O nosso centro de trabalho é a criança é tratá-la como ser igual, com dificuldades... com todos os aspectos de um ser global... e a partir dessa entrevista fica a imagem mais fundamentada, não é? Daquilo que pretendemos... depois quando vamos iniciar o ano lectivo temos uma reunião de pais, que eu acho extremamente importante, porque vai a perspectiva dos pais para conhecerem os pais da mesma sala, trabalha a relação connosco equipa e com os pais que fazem parte da mesma sala... Isso faz-nos pensar... acreditamos nisso, defendemos... ao longo destes anos tem demonstrado que é importante, criarmos com eles elos de ligação, laços importantes de relação e de confiança.... Para nós trabalharmos com eles e eles connosco... depois no dia-a-dia... o que é que me falta comentar.... Lá está, o que falei lá atrás, o sorriso... o termos a porta aberta... os pais ficarem na sala quando tem tempo, nós estarmos sempre disponíveis... eles entram na sala, põem a criança ao pé de nós no colchão e depois vão-se embora e... O contacto diário é muito importante, sem esse contacto nós não podemos construir nada, e os pais acho que sentem esse feedback e sentem-se muito à vontade, e depois também temos uma estrutura mais física que suporta, porque muitas vezes não consigo estar com os pais todos os dias e temos sempre uma

estrutura que suporta isso; para além da equipa que transmite os recados e tudo o que seja necessário e que convivem com os pais de uma forma muito saudável... porque os recados podem ser ditos só por dizer... não se tem cuidado em dizer se a criança esteve bem, pormenores do dia-a-dia; se dormiu muito ou dormiu pouco, se comeu bem...pode tornar-se um bocadinho chapa 33, mas a equipa já se preocupam dar alguns pormenores, se a criança fez isto, já conseguiu alcançar isto, já se coloca de pé sem apoio, já se apercebeu que já consegue encaixar um jogo... A equipa já começa a ter um cuidado em transmitir as coisas mais minuciosas que fazem toda a diferença, não é? Depois tenho o diário colectivo de parede, no qual tento escrever todos os dias, escrevo como as crianças da sala parque estiveram; o que é que nós fizemos de engraçado; o que surgiu, às vezes uma criança trás um livro ou uma bola, ou fazemos uma coisa diferente, ou comentamos que a criança começou a dizer palavras novas... E tudo isso é registado, de forma a que os pais tenham esse conhecimento, que é muito importante, para os bebés. Tenho um diário individual onde é escrito como a criança esteve, todo o tipo de descobertas e de evoluções que o bebé fez. Muitos dos pais também querem escrever no diário, alguns escreve no fim-de-semana... isso acaba por ficar registado e é mais um instrumento de criação de relação com a família. Essencialmente é uma coisa que é construída todo o ano, e tem de haver muita disponibilidade, não só de mim, mas como de toda a equipa, para que os pais percebam que nós também temos um papel muito importante na educação dos próprios pais, que é outra luta que nós temos. Existem pais que acabam por perceber que as coisas funcionam desta forma, mas não estão habituados, ou não ligam tanto, e nós acabamos por também educar, entre aspas, no sentido de darmos valor e eles acabam por também dar valor a esse tipo de aspectos, que ao inicio não se tinham apercebido... e os pais ficam com uma perspectiva muito diferente do nosso trabalho. É muito importante... e essa relação vai - se afinando dos os dias. Isto é: o que valorizo? Todo o trabalho da creche é a relação... com os pais e com a criança. Com a criança não falei, mas falo já; a relação com a criança parte da disponibilidade que nós temos e a perspectiva da criança como um ser total, como já tinha referido, ela é o centro de acção e nós (adultos) temos de estar ao nível delas e aprender com elas; todos os dias elas nos ensinam coisas, não podemos estar com a perspectiva que temos o curso, e que sabemos, fazemos umas coisas e a coisa corre bem... nós temos de ter a perspectiva que sim sabemos, mas que todos os dias são as crianças que nos dão directrizes e novas descobertas que nós fazemos sobre elas... e... essa relação, lá está... a partir da relação que a criança vai construindo connosco, com os seus pares, em todas as interacções, vai construindo o seu conhecimento de tudo aquilo que a rodeia.

**Pergunta: Em tua opinião, que função e que responsabilidade tem a creche na formação da criança? Qual a tarefa que a creche deve ter na formação da criança?**

**Em parte tu já respondeste a esta pergunta,... mas que responsabilidade, que função tem a creche na formação da criança?**

**Resposta:** A função da creche na formação da criança é... é ver que... fazer crer à criança que ela é tratada como um ser, como um todo, tento através do meu trabalho... tentar passar... e eles vão-se apercebendo dia-a-dia, que ela é tratada como igual e ao mesmo tempo como um diferente... cada criança tem o seu ritmo de vida, cada criança tem a sua personalidade e nós tentamos respeitar, apesar de tratarmos as crianças como iguais, sem ser de uma forma pejorativa, no sentido que a criança está ali pequenina, que não entende, não percebe, não! Já lá vai o tempo em que a creche era vista essencialmente como um local

de guarda, onde a única função era tomar conta de crianças, enquanto os pais trabalhavam. Acho que essa perspectiva mudou bastante e agora de lugar de guarda, fazemos da creche um lugar onde os ajudamos a crescer. Tentamos construir junto à criança uma perspectiva que tenha como base o respeito, a confiança... que saiba que ela é capaz, é nessa perspectiva global que a creche tem essa função, de passar à criança esse papel tão importante... dar à criança esse pilar, essa função de respeito, de conviver com os outros; eu sou como os outros, mas eu também sou um. Eu pertença a um grupo, mas eu sou importante, sou diferente também, tenho a minha personalidade própria e respeitam-me por isso...

**Pergunta: Com que dificuldades e constrangimentos te deparas no teu trabalho de educadora?**

**Resposta:** Essa é uma pergunta um bocadinho... digamos...

**Pergunta: Já me disseste que não é fácil ...**

**Resposta:** Não é fácil, não é fácil ... Eu acho que o nosso papel de educadora, principalmente em creche, ainda continua a estar muito à quem do que já devia estar... eu acho que continua... a educadora em creche continua a ser vista ainda um pouco como menos válida... e isso entristece-me muito, porque a minha formação foi "toda" em creche e o meu percurso profissional continua a ser em creche e eu não pretendo tão pouco mudar, mas acho que os pais e a comunidade em geral, ainda acham que a educadora em creche não é necessária... ainda vêem a criança, se calhar, como um ser menos válido que não necessita de um profissional... pois são pequeninos... não percebem, não entendem... Qualquer coisa também lhes serve até eles ficarem granditos e tal e quando começarem a falar e serem mais autónomos, logo precisem de um acompanhamento profissional, mas enganam-se pois isso começa mais cedo (a necessidade) começa muito antes de começarem a falar... mas pronto... a maior dificuldade é o pouco reconhecimento da função de educadora em creche e... isso estende-se muitas vezes à formação das pessoas que estão a trabalhar connosco, pois pensam que para creche qualquer pessoa serve... E também junto aos pais, não sabem dar o devido valor... lá está... eu voltar agora a trás ao que já disse à pouco; é preciso educar!

Os pais, e não só, toda a equipa que está à nossa volta... à comunidade que está à nossa volta, mostrar através do nosso trabalho, no dia-a-dia, desmistificar (para quem vem com essa ideia) para que se apercebam que isso não é bem assim... na comunidade em geral é um bocadinho mais difícil passar essa imagem de que a educadora em creche é fundamental... uma criança não nasce com 3 anos, uma criança com 3 anos está praticamente... com as bases formadas e nós somos muito importantes nessa formação... nós participamos (nela), nós temos o nosso "dedinho" e se não for nessa altura, será depois muito mais complicado. Pronto, essa é a maior dificuldade que tenho, mesmo a nível de instituição sempre tive muita abertura, sempre tive muito acompanhamento para poder fazer o meu trabalho e de fazer aquilo que eu acredito, ter uma direcção ou um outro tipo de instituição que pudesse trabalhar de uma forma diferente, seria um obstáculo muito grande para mim, mas neste caso não, estou numa instituição onde me enquadro perfeitamente na metodologia.

No sentido global, as coisas ainda estão um bocadinho à quem... ainda vêem alguns pais que nos chegam às mãos com uma perspectiva tão negativista da nossa profissão, mas lá está... o trabalho não acaba, todos os dias lá vamos batalhando, até mesmo junto da comunidade, tentar com que a nossa profissão seja devidamente valorizada.

Tenho um outro tipo de dificuldade que também será importante dizer, que é o; trabalho de equipa. O trabalho de equipa também não é fácil, porque somos 4 pessoas com personalidades completamente

diferentes, com anos de serviço muito elevados, que fez com que no início a "coisa" fosse um bocadinho mais complicada, pois tinham uma perspectiva um pouco diferente da minha, e, a minha dificuldade era de ter um trabalho de equipa muito coerente... não posso dizer aos pais que trabalho e defendo isto com as crianças e depois constatarem que não é bem assim que se faz... Portanto, tem de ser um trabalho de equipa muito coeso, muito falado, muito discutido, às vezes nem toda a gente concorda com a maneira como nós fazemos ou como acabamos por fazer, mas ao fim de um tempo acabam por dizer: " Ah, afinal foi melhor como fizemos "... Ou, " Concordo com a tua postura, mas como estava habituada a fazer de outra forma, pensei que não iria resultar..." o nosso trabalho de equipa, às vezes pode ser encarado como uma dificuldade, porque há pessoas que como têm muitos anos de serviço acabam por estar agarradas, enraizadas a um certo tipo de trabalho que já não se faz!

**Pergunta: Não é a tua perspectiva.**

**Resposta:** Exactamente, que não é a minha perspectiva. Isso pode ser uma dificuldade, mas também pode ser uma vitória/desafio, pois são coisas que não se podem mudar de um dia para outro, mas ao longo do tempo, com diálogo, perguntar: " Porque é que fazes desta forma e porquê?"... As coisas acabam por encaixar e caminhamos todas no mesmo sentido e estarmos sempre em sintonia, que é muito importante... por muito que diga e tente fazer, nada funciona se não estivermos em sintonia... pois se eu digo que a criança tem de estar a dormir, porque precisa... mas se eu viro costas a minha colega de equipa vem e faz de uma outra forma... não posso sujeitar a equipa e as crianças a isso... mas às vezes torna-se complicado de gerir! Mas, lá está, como o trabalho com os pais nunca acaba, o trabalho de equipa é um trabalho de formação contínua, meu e delas.... que acaba por tentar criar um caminho mais feliz para as crianças ... depende de nós ... não conseguirmos desenvolver trabalho se este não for coeso, senão não conseguimos ter uma sala equilibrada ... e o equilíbrio da nossa sala depende de todos nós ... Essa harmonia... o que por vezes não é fácil... o que parece calmo, o que parece fácil e fluído não é nada fácil, tem todo um trabalho por trás que nos dá bastante dor de cabeça, mas acima de tudo vale a pena... pois toda a nossa equipa acredita que a criança é um ser com personalidade que temos que respeitar... pronto... é uma dificuldade que é e não é grave... todos os dias tentamos combater... não tenho assim mais nenhum tipo de dificuldade que seja importante referir... acho que está tudo!

**Pergunta: Obrigada! Depois a entrevista será transcrita e devolvida às entrevistadas, de forma que poderão corrigir ou alterar alguns aspectos que considerem importantes. Obrigada, boa tarde!**

**Transcrição da entrevista**

**Entrevista à educadora Ana**

**3 de Julho de 2007**

**Duração: 60 minutos.**

**Entrevistadora: Queria dizer-te que a entrevista é confidencial e que será assegurado o anonimato das entrevistadas, como é evidente!**

**Pergunta: Então gostaria de saber há quantos anos és educadora? Em que escola fizeste o curso? Em que instituições tens trabalhado? E que funções tens exercido?**

**Resposta:** Ora bem, eu tirei o curso na Escola João de Deus em 1974, portanto vou fazer 32 anos de carreira. Trabalhei inicialmente na *APPACDM* com crianças com necessidades educativas especiais. Depois fui trabalhar para a *SAPEC* numa empresa durante uns meses, pouco tempo, porque entretanto fui chamada para o *Ninho* na altura era uma instituição de conserveiras, portanto, para os filhos das conserveiras e foi aí que fui ficando até hoje.

**Pergunta: Onde estás?!**

**Resposta:** Sim. Fui passando...portanto as conserveiras aquilo era do Grémio, depois passou para o instituto de obras sociais (IOS) e depois das obras sociais passou para o centro regional...a função pública. Lá temos continuado.

**Pergunta: E tens sido sempre responsável de sala? Ou tens tido outras funções?**

**Resposta:** Fui sempre educadora durante 20 anos, não sei quantos anos precisamente...não me lembro, depois fui convidada para ser directora da instituição e fui convidada também para ser coordenadora dos serviços de amas do centro regional que durante um tempo ocupei os dois cargos em simultâneo. Depois deixei a coordenação de serviço de amas, pois não dava para coordenar tudo era só mais para ajudar o Serviço que na altura necessitava de uma pessoa para coordenar. Continuei como directora durante 7 anos. Depois voltei ao directo a pedido meu porque quis voltar para o directo e deixar o cargo de directora.

**Pergunta: Gostaria que falasse um pouco do seu quotidiano com as crianças.**

**Resposta:** Antes de dizer isso só queria acrescentar uma coisa. Eu fui educadora de infância durante a maior parte do tempo da minha carreira e há 7 anos que me defini como educadora de creche. Precisamente quando fui tirar a licenciatura na primeira infância. Aí optei mesmo por trabalhar como educadora da 1ª infância. Como gostei muito e senti-me bem e acho que fazem muita falta educadoras de creche para desenvolver um trabalho de creche eu continuei lá e acho cá estou no outro lado agora...

**Pergunta: Gostaria que falasse um pouco do seu quotidiano com as crianças.**

**Resposta:** Pronto, no meu dia-a-dia o que eu defendo em creche é que tudo o que se faz com as crianças nestas idades, em qualquer idade é importante, mas mais ainda nos bebés! Tudo o que é inerente a um bebé é importante! Ou seja, o ele chegar e estar bem, sair do pé da mãe, a mãe a ir para o trabalho

confiante que deixou o filho bem; não ir angustiada, nem pensar “ *ele ficou bem ou não ficou bem, não ficou a chorar...*”; mesmo que ele fique a chorar mas que a mãe se sinta confiante, ou seja, o importante é a mãe ter confiança na pessoa que deixa o filho.

Eu acho que isso é logo o primeiro ponto de importância da educadora em creche dar essa confiança aos pais, depois desde o mudar a fralda; de sentir que a criança está mais incomodada ou menos incomodada em relação ao seu bem-estar; se a roupa está apertada; se está larga; se está aconchegada; se o sapato lhe está a magoar; o pequeno-almoço: o que é que ele vai tomar; se vai tomar biberão ou a papa; a que horas; se está a dormir; conciliar a papa com a hora de sono; se ele ainda está a dormir não obrigar a criança a comer. Ou seja, as crianças na creche tem de ser tratadas individualmente, todas as crianças mas nestas idades cada uma com o seu ritmo de vida. Outras mais tarde tem um ritmo de vida muito idêntico (no jardim de infância) na creche, eu acho que é quase impossível só é possível se as pessoas obrigarem-lhes a fazer tudo ao mesmo tempo. Não é essa a minha ideia!

Eles têm de entrar e têm de ter o ritmo deles, cada um deles, sejam 5, 8, 9 ou 10 têm de permanecer dentro da sala com os seus hábitos, com o seu ritmo e se vão dormir quando querem, vão comer quando? Quando precisam? Temos de estar sempre atentos a isso, portanto eu penso que a atitude do educador na creche, é a atitude sempre de vigilância, de preocupação e de observação. Temos de estar sempre a observar todas as atitudes do bebé!

Podemos estar a conversar com a colega do lado, a combinar a hora do comer ou combinar outra coisa que vamos fazer a seguir mas sempre com muita atenção às atitudes, às brincadeiras, aos olhares deles, principalmente, ter muita preocupação quando estamos em creche, ao nosso olhar. Dado que a criança se não fala, ainda balbucia sons, ainda não possui linguagem verbal, tirando excepções de alguns que começam a dizer algumas palavritas e nós já sabemos exactamente o que vai querer dizer. De resto, é o gesto, a expressão facial, o sentir, o chorar, o olhar, o trajecto da cabeça, os movimentos corporais, temos de estar muito atento a isto.

E nós também, com o nosso olhar e atitudes, dos educadores e dos auxiliares...educadores (*ao fim ao cabo somos todos educadores*) que estamos todos na sala, têm de ter uma atitude de educador!

Às vezes as pessoas dizem-me assim, quando estão a falar do marido, da filha ou das vidas, que por vezes as pessoas têm necessidade de conversar e às vezes sai uma palavra mais dura ou uma voz mais alta a explicar o acontecimento e eu costumo dizer: “*Vocês têm de ter muito cuidado com aquilo que estão a falar ao pé das criança*”. Costumam dizer: “*Qual é o problema, se eles não percebem?!*”. Se eles estão atentos à nossa face, se é aquilo que nós mostramos em expressões faciais, então eles vão perceber tudo, vão perceber se estamos tristes, se estamos zangados, se estamos alegres ou se estamos com algum problema. E portanto, temos de ter muito cuidado com isso evitar esse tipo de situações pois isso pode transtorná-los. Porque eles não sabem o que se está a passar e como às vezes dizemos: “*Então porque é que ele está a chorar?*”, “*Está a chorar porque olha para a tua cara e viu uma cara que não gostou de ver. Uma cara triste ou uma cara aborrecida. Porque se te aborreceste com a vizinha do lado ou se estás a contar uma coisa que te incomodou ele também está a sentir*”.

Portanto, tem de se ter muito cuidado!

A nossa atitude de base ali na creche não é o fazer actividades, não é estar preocupadas em fazer gracinhas com os meninos ou mostrar muita coisa que se fez com a criança. É essa a atenção individual

da criança e proporcionar situações que beneficiam o desenvolvimento deles. Ou seja, se uma criança já gatinha ou se ainda não gatinha, eu posso colocar-me perto dele a tentar gatinhar e a brincar com ele ou brincar com um brinquedo que ele possa querer alcançar, estou a proporcionar uma situação gratificante e ao mesmo tempo que ajuda-a a gatinhar. Se ele...(já anda e se tem um desenvolvimento)... se eventualmente não andar e se eu provocar situações em que ele fique satisfeito em caminhar mais, então poderá vir a caminhar melhor! Portanto, em cada um, nós procuramos o que podemos proporcionar-lhes ao longo do dia. E isso é sempre constante! Não posso dizer, 5ª feira vou metê-lo a andar. Não! Eu todos os dias, eles chegam e vou ver o que se passa porque todos os dias eles desenvolvem imenso e fazem coisas de um dia para o outro, *“Ontem nem se descolava da parede, hoje já está a andar sozinho; ontem nem conseguia tirar a perna da cadeira, hoje já tira sozinho”*. Portanto, eles estão sempre em constante evolução e nós estamos ali sempre atentos para proporcionarmos uma evolução com um bem-estar com alegria e com boa disposição.

Prontos, atentos a qualquer dor, verificar a parte da saúde, como trabalho numa instituição onde temos muitas crianças carenciadas, tenho necessidade de estar mais atenta se aquela criança está a ter cuidados de higiene e de alimentação suficiente ali e suficiente depois em casa.

Para mim, sejam carenciadas ou não o contacto com a família é muito importante. Eu não consigo viver ou tratar de uma pessoa sem estar envolvida com a família, sem pôr a família envolvida. O permanecer na creche, pais, avós e das pessoas que colaboram mais directamente com a criança dentro da minha sala é uma coisa que eu ando sempre a proporcionar...Claro que não é virem 10 crianças, colocarmos 10 adultos dentro de uma sala. Claro, que é preciso explicarmos à família, por acaso se tivéssemos essa sorte de todos os adultos pudessem estar sempre lá então teríamos de organizar de modo a não criar mau ambiente ou confusão para as outras crianças.

Mas normalmente isso não acontece, consegue-se conciliar, por vezes um pai com mais tempo vai lá durante o dia ou uma tarde e brinca com o filho, porque à noite quase não o vê. Mas durante o dia, têm uma horinha de almoço ou do café e então aproveitam e ficam um bocadinho na sala.

**Pergunta: Podem entrar na sala e estar.**

**Resposta:** Podem entrar na sala e estar mas claro com as devidas preocupações. Com os bebés têm de revestir os sapatos com umas protecções para impedir as impurezas da rua, de resto podem estar e nós continuamos com o nosso ritmo. Não temos problema algum nesse sentido!

Uma coisa que eu gosto muito na minha instituição é por ser envidraçada porque para mim...vai ao encontro do que eu sinto como educadora que é: aquilo que eu fizer dentro da sala qualquer pessoa pode ver, seja mais errado ou mais certo, eu não estou a esconder de ninguém porque eu não sou perfeita e portanto posso errar e qualquer educadora pode errar. Mas também estou a mostrar com simplicidade aquilo que estou a fazer e posso perfeitamente rectificar ou melhorar caso alguém até comente: *“Fizeste isto porquê?”*, algum pai que diga: *“Teve esta atitude mas eu não gostei muito do que fez ou o que não fez. E porquê? Vamos lá falar sobre isso”*. Não há problema porque estamos a trabalhar com crianças...

**Pergunta: Com seres humanos?!**

**Resposta:** Exacto, não estamos a trabalhar com papeis. Portanto, temos de ter muito cuidado!

O que nós fazemos realmente em creche eu acho que é muito importante! Muitas vezes as pessoas pensam que as crianças vão esquecer porque são muito pequeninas e não se lembram. Eles podem não se

lembrar! Porque eu também não me lembro, perdi as minhas memórias... o que é que fiz dos 3-4 anos, a partir desta idade já tenho muitas certeza do que fiz.

Mas tenho a certeza de tudo o que foi feito até essa idade foi muito importante depois para o meu desenvolvimento. Portanto, ter uma atitude calma com o bebé, ele vai crescer dentro dessa linha, portanto, aos 3 anos pode não se lembrar mas sentiu.

Ficou lá!

Por exemplo, na alimentação as minhas crianças desde os 9 meses que estão a comer sozinhos e a chafurdar, agora com 2 anos eles estão a comer perfeitamente bem sozinhos com a colher e sabem saborear o comer. E sabem o que querem!

E eu noto que há crianças que não têm nada disto e que vão ser sempre crianças muito difíceis. E há sempre paladares que não gostam e sempre coisas que não querem. E eu noto, porque já são 32 anos de carreira, que as crianças que sai da instituição e depois mais tarde quando volto a vê-los já na primária ou volto a vê-los a casar ou quando vão levar os seus filhos ou até na reunião de pais a falar de mim como educadora, que vejo que nós deixamos-lhes muito. Muito para o resto da vida e que eles depois sentem confiança que os filhos fiquem connosco porque sabem aquilo que nós lhes fizemos.

E muito importante!

Na creche eles não conseguem explicar o que sentiram durante a creche mas eu acho que as bases, as raízes... fica lá tudo e depois só conseguem explicar e de se lembrarem a partir de uma certa idade, mas, isso que se lembram e conseguem fazer tem a ver com o passado.

A prova está é que eu tenho bebês (*antigamente os bebês dormiam muito*) e se eu assinalar aqueles que dormem mais e aqueles que dormem menos, está relacionado com a gravidez da mãe, tem a ver com o trabalho da mãe ou dos pais, tem a ver com a vida que eles têm. E eu costumo dizer “*Já não há bebês como antigamente*”. É no aspecto que as mães e os pais tem a vida tão agitada, que os miúdos não conseguem dormir nem descansar, são muito activos e mais agitados. Antes nós tínhamos uma gravidez muito mais calma. As mulheres estavam mais tempo em casa e se estavam grávidas já não estavam a trabalhar; não havia a instabilidade de emprego; a gravidez era mais calma e o bebé nascia... Eu tenho notado pela minha filha e que acompanhei a gravidez toda e que ela tem tentado ter uma atitude muito idêntica àquilo que eu defendo, porque me tem como exemplo. Mas a vida dela não tem nada a ver com a minha. A fase de gravidez que levou, com o despedimento de emprego, entretanto a ficar desempregada, foi de tal maneira traumatizante que transmitiu tudo ao filho e eu sinto que a criança mesmo na presença da mãe está mais agitada e eles ficam diferentes, porque sabem com quem estão a actuar. Ao passo se estiverem connosco estão mais calmos.

Isto assim o quotidiano...

**Pergunta: De tudo o que me falaste e de certa forma já me respondeste, que aspecto é que tu valorizas mais no dia-a-dia na criança?**

**Resposta:** Eu acho que os adultos que devem ser “escolhidos” (entre aspas), aqueles que preferirem a creche tem de ser pessoas com umas certas características. Para já tem que sentir mesmo vocação para estar com crianças tão pequeninas e depois penso que toda a gente no início deviam ter uma formação, uma conversa, um estar homogéneo para estarmos com eles porque às vezes há coisas que divergem muito. O que valorizo muito é por exemplo a atitude.

**Pergunta:A atitude do adulto?**

**Resposta:** Sim. Valorizo muito também o relacionamento com a família. Não consigo estar com uma criança sem conhecer bem a família, sem colocar essa família em colaboração comigo, em todos os aspectos.

Na criança no dia-a-dia eu valorizo tudo, desde que ele chega até que se vai embora tudo para mim tem valor.

Não é como uma amiga minha (auxiliar) que dizia assim:

*“Oh Paula, tu és educadora de creche?”*

*“Sou”*

*“Então tu mudas as fraldas aos teus bebés?”*

*“Sim, tenho bebés pequeninos”*

*“Dás de comer?”*

*“Dou. 3 vezes ao dia”*

*“E vocês limpam o “ranhinho” quando elas estão sujas, as educadoras é que tratam?”*

*“Claro!” e eu então perguntei “ Porque é que estás a dizer isso? O que é que querias que eu fizesse?”*

*“Na minha instituição as educadoras não fazem nada disso. Só a parte pedagógica!”*

Então o que é que a educadora considera pedagógico com uma criancinha ou um bebé até aos 2-3 anos? O que é ela considera pedagógico? É o quê? Põe a criancinha a pôr os dedos com digitinta, a fazer massa de cores...! Isso não são actividades, são coisas para o inglês ver, para a mãezinha ver que ele trabalhou muito.

O que é pedagógico na creche? O que é pedagógico na creche é... tudo! Tudo desde que a criança entra até que sai. Tudo o que diga respeito à criança, o bem-estar, o comer, o dormir, o ter respeito principalmente pela criança que tenho à minha frente!

**Pergunta: Quer sejam essas tais actividades quer sejam os momentos de cuidados são valores importantes?!**

**Resposta:** Com certeza! Até costumo dizer assim: *“Têm cocó que bom”*. Porque o cocó dá-me tempo para eu estar ali a mudar a fralda, a conversar. Até costumo dizer: *“Vamos lá ao tratamento VIP. Aqui é tudo limpinho, posso colocar um creme cheiroso ou pode cheirar o creme, eu posso conversar e dizer que as pernas vão estar ali mais tempo no ar e tal.”*. O xixi é mais rápido, não dá tanto tempo e até pode parecer que a pessoa está ali a empatar mas não estes momentos são muito ricos! E é nestes momentos que nós temos de ter uma relação com eles espectacular. Que é o que eu acho que tenho e que gosto. E também valorizar muito o gosto das crianças. Por exemplo, as pessoas tem a mania de: *“Eu é que sou a educadora e ele tem de estar comigo ou ele gosta é de mim!”*. Quando por exemplo uma criança X está a chorar e quer ir para a auxiliar, e as educadoras dizem: *“Não vais nada, então o que isto agora estás a chorar?”*. Não é assim! Então eu gosto de todas as pessoas por igual? Não! Há pessoas que eu não gosto, há pessoas que não me sinto tão à vontade e há caras que eu não sinto tanta simpatia. Eles podem gostar todos de mim porque à partida não tenho mau relacionamento, mas tenho crianças na minha sala que tem preferências pela auxiliar A, há outras pela auxiliar B e há outras que têm preferência por mim. Ora, quando não temos hipóteses todas tratamos de todas, quando há hipóteses se ela está a chorar e fica mais calma com a auxiliar A ou B é para essa que ela vai. Mais nada!

Às vezes costumo dizer: *“Vai lá à tua querida! Vai lá à tua amiga ou vai lá fazer um miminho!”*. Ou então quando estou com ela digo-lhe assim, quando chega a outra pessoa que eu sei que ela relaciona-se mais, *“Queres ir ter com...?”*; se ela diz que sim eu digo-lhe: *“Então vai.”*. Porque é que hei-de ser eu? Eu não sou especial. Eu tenho de pensar é no bem-estar daquela criança e até é por isso que sou educadora, é por isso que estou ali e se ela se sente melhor com a minha colega porque é que não há-de ir? Eles não têm de sentir melhor comigo, só porquê? Porque tenho um curso? Porque sou educadora? Eu não sou mais de as outras pessoas. Tenho mais conhecimentos pedagógicos, tenho outro tipo de conhecimentos, tenho outro tipo de atitudes e poderei ter outro tipo de preocupações e foi para isso que estive a estudar. Mal parecia se não tivesse! Mas todas as pessoas que estão ali à partida também têm condições, se calhar há ali muitos educadores que não têm curso. Porque está inato neles, tem muita capacidade e muita sensibilidade para este tipo de coisas. Portanto, é o tal respeito pela criança! Temos de respeitar perante aquilo que eles gostam mais e aquilo que eles querem! E pronto se eles gostam mais de alguém temos de privilegiar isso. Quando não pode ser, conversamos e na conversa, eu converso com uma criança até aos 3 anos tal e qual como converso quase com um adulto. Eu estou a explicar a um bebé que ainda não fala as coisas para ele fazer como fosse falar com uma criança mais velha. Eu coloco-o na bancada e explico-lhe: *“Vou-te mudar a fralda por isto e por aquilo. E agora vamos pôr um creme... este cremezinho é muito bom e vai-te fazer passar o assadinho. Ai, isto hoje está muito assadinho. Porquê? A mamã pôs o creme mas este creme se calhar não é dos melhores temos de combinar com mamã para comprar outro creme melhorzinho.”* Isto tudo eu falo com eles.

E agora com os mais crescidos, que é o caso agora que eles já têm dois anos, eu explico tudo! Eu vou ao café e antes de sair eu vou explicar, principalmente aqueles que estão mais ligados a mim e que querem ir atrás de mim, vou explicar onde é que vou e vou-lhes perguntar se posso ir. Eu nunca vou sem lhes dizer: *“A P..... precisa de ir tomar um cafezinho e descansar e vou com tal pessoa. Posso ir? Deixas-me ir?”*.

**Pergunta: No fundo aquilo que me estás a dizer é o respeito pela criança. O falar com ela mesmo que ela ainda não tenha uma linguagem verbal explícita ao adulto. Tem de certa forma superar alguma coisa em que tu acreditas, daí essa tua própria atitude! Não é?**

**Resposta:** Eu acredito que tudo isto é importante. E que tudo isto vá fazer alguma coisa! É algo que vai ficando neles e a prova está é que eles quando estão comigo esperam pela minha explicação e eles comigo se lhes disser as coisas assim eles estão à espera e fazem. Nunca choram, nem fazem birras! Porque eu explico e eles aceitam.

Eu dou-lhes recados muito cedo quando começam a andar e podem fazer recados. Eu dou-lhes recados, eu estou a vê-los a enganarem-se nos sítios e eu digo-lhes: *“Olha não é aí tens de vir para aqui ou ali. Então anda cá estás a ver? Volta lá outra vez”*.

E às vezes as pessoas estão ao pé de mim e dizem: *“Oh, P.... abre já a gaveta, dá-lhe já...”*. Não! Nós temos de ter tempo eu não estou ali para correr. Eu não ando a correr para lado nenhum. Não vou para a tropa como costumo dizer. Antes tudo funcionava em relação à tropa, os miúdos tinham de ir tirar o curso, tinham de se despachar e depois iam para a tropa. Os miúdos não vão a lado nenhum, estão as crescer!

Aquele cresce mais do que outro. Se eu estou ali o dia todo a dedicar-me a eles, porque é que eu tenho de ordenar rapidamente ou ir eu buscar a fralda à gaveta para ser mais rápido. Mais rápido para quê? Para a seguir poder sentar-me numa cadeira?

Não, eu tenho tempo de fazer com que ele chegue à gaveta vá buscar a fraldinha ou a chupeta e venham ter comigo e fique muito feliz. Porque eles ficam muito felizes de terem conseguido executar aquela tarefa. Eu faço isso!

E às vezes dou recados muito complicados, parece que às vezes não vão fazer nada mas eles param a meio, olham para mim, fazem-me sinal sem falar porque os meus poucos falam, eu depois eu digo-lhes: “*Sim agora fazes isto*” e eles vão, fazem e vêm.

**Pergunta: Estão à espera que tu dê uma indicação para dessa forma, pela tarefa que tu transmites ...**

**Resposta:** Exacto! Eu vou olhando para eles, eles vão olhando para mim e vou seguindo. Eu não fico a conversar com a minha colega e deixo de estar atenta aquilo que mandei fazer. Assim como eu quando dou uma ordem ou quando digo qualquer coisa a uma criança eu não volto atrás. Eu não digo agora: “*Não quero que faças isso, por isto e por aquilo*” explicando o porquê, e passado um bocado como estou a conversar com a minha colega e estou distraída e ele está a fazer exactamente a mesma coisa e estou borrifando: “*Agora não me apetece fazer aquilo para ele não fazer. Agora que estou aqui muito bem!*”. Não eu não faço isso! Eu paro de conversar e vou fazer. É muito raro eu fingir que não vejo qualquer coisa que já dei uma ordem em contrário e quando já expliquei o porquê das coisas. Nunca faço!

E isso é o que eu acho que as pessoas não têm dentro delas. As pessoas entram e tem atitudes muitas correctas, pontualmente, mas não dão uma sequência aquilo que estão a fazer com as crianças aquilo que querem atingir. Eu quando pego neles em bebés quero atingir algo aos 3 anos, respeitando os ritmos deles.

**Pergunta: Em tua opinião, eu acho que já me respondeste, em tua opinião que função e que responsabilidade tem a creche na formação da criança? Qual a tarefa da creche na formação da criança? Tu já me disseste tanta coisa mas vamos tornando mais precisas...**

**Resposta:** A creche existe para dar resposta às famílias que têm de ir trabalhar e precisam de colocar as crianças num local que eu considero que deva de ser de qualidade. E portanto, eu por acaso defendo a creche por um lado porque é necessário que os pais têm de trabalhar e têm de pôr as crianças, então que ponham num sítio com qualidade. Então por isso que nós tenhamos um mínimo de crianças possíveis e que a educadora esteja nesta perspectiva. Mas eu continuo a dizer se eles puderem ficar pelo menos no primeiro ano de vida com a mãe e depois até com a avó, eu continuo a defender isso! Eu sou muito menina da avó e acho que as avós e a permanência com as avós....

Por isso eu defendo não há horário na creche. As nossas crianças chegam às 9h, 10h, 11h, desde que me digam porque depois tenho que contar com o almoço e também temos as nossas organizações. Mas podem vir e assim como podem sair depois de almoço ou mesmo vir buscá-los na hora de almoço levam-lhes a casa um bocadinho e depois a mãe têm de ir trabalhar e depois levam para a creche outra vez.

Eu defendo isto mas há muita gente que diz que lhes faz muita confusão! A mim não me faz confusão nenhuma. Só as horas que eles vão e vem são menos horas que eles lá estão e eles estão em benefício e em qualidade com os pais ou com os avós.

Não há problema nenhum! As pessoas fazem muita confusão. Eu acho que isto é mesmo a mudança de mentalidade que eu tenho conseguido. Às vezes mesmo as minhas auxiliares que estão aqui há tantos anos e que eu estou sempre a defender isto, dizem-me assim: *“Já vistes! Olha as horas a que ele chegou, agora vem buscá-lo e a que horas é que ele vem e depois não querem dormir....”*. Não conseguem ainda...e isto para mim é que é muito importante! Portanto, a nossa função é, durante o tempo que os pais necessitam de ter as crianças ali, quando vão trabalhar ou vão fazer alguma coisa, proporcionar-lhes uma melhor qualidade e estarmos com eles. Não podemos...?? o infantário está aberto até x horas eles não têm de estar cá x horas. Eu digo sempre, quanto menos tempo tiverem cá, não é para eu estar de pernas estendidas ou estar sem fazer nenhum é para que as crianças tenham melhor qualidade de vida e que estejam mais tempo com a família. Acima de tudo! E portanto, penso que essa é a nossa função.

**Pergunta: Então com que dificuldades e constrangimentos é que te deparas mais no teu trabalho como educadora? Não é só com as crianças, mas o teu trabalho como educadora.**

**Resposta:** Como educadora é não ter tempo para reunir com as pessoas com quem trabalho e muitas vezes com os pais. Mas é mais fácil reunir-me com os pais pois aí eu proponho no sentido em que tenho de trabalhar com eles e até fora de horas sou capaz de reunir. Agora com o pessoal com quem trabalho e às vezes para transmitir tudo isto que eu sinto, pois eu sinto que as pessoas muitas vezes não vão mais ao meu encontro porque eu também não lhes transmito da forma mais correcta. Ou seja, saímos mesmo dali do ambiente da sala e estarmos um bocadinho a conversar. Como estamos agora aqui a discutir! Conversarmos um bocadinho sobre isto sobre aquilo, o que é que tu achas assim ou assado, sobre isto ou aquilo.

Eu tento fazer isso no dia-a-dia com eles, mas muitas vezes um chora ou precisa da nossa atenção e a conversa fica sempre a meio e eu não cheguei a dizer exactamente aquilo que eu queria. E então penso que o mal começa por aí! E para mim é uma das coisas que me custa mais!

**Pergunta: E isso que me estás a dizer vai de certa forma ao encontro que me dizias numa das questões anteriores que valoriza a atitude do adulto, a formação, portanto o ter uma determinada atitude com as crianças...**

**Resposta:** Sobretudo poder estar mais tempo ou reunir-me com as pessoas que trabalham comigo era uma formação contínua.

**Pergunta: Exacto. Estar em acção com as crianças e tentar logo explicar às pessoas isso...**

**Resposta:** No caso por exemplo das estagiárias, eu faço isso. Mas as estagiárias estão com a teoria e ao mesmo tempo com as aulas e por isso é mais fácil de eu no dia-a-dia... *“Estás a ver agora tomei esta atitude por isto e aquilo”*. Mas elas já estão nessa perspectiva de captar e ao mesmo tempo tem a teoria por trás e as pessoas a ajudar a concretizar isso.

Ao passo que as auxiliares já tomam outro tipo de atitudes, algumas já têm muitos anos já não estão para ouvir isto ou aquilo e há outras que ainda ouvem. Algumas delas dizem *“Aí já estou farta de cantar as mesmas canções que graça é que isto tem para os miúdos”*. Não tem graça é para elas, para eles têm sempre. As mesmas histórias, elas é que já estão fartas há 30 e tal anos a contar as mesmas histórias mas não conseguem perceber qual a importância destas histórias há pessoas que entendem e vão melhorando existem outras que não. Mas se tivéssemos mais possibilidades de estarmos a falar informalmente sobre outras coisas, sem agressões, sermos honestas connosco próprias. Pois às vezes eu própria digo *“Eh pá eu*

*agora fiz esta asneira...”, acho eu que é asneira “...não devia ter feito assim. Temos de ter muito cuidado e fazer de outra forma”.* Mas as pessoas normalmente têm muita dificuldade em assumir os erros, acham logo que são criticadas ou que são piores auxiliares.... Eu não tenho esses complexos! Eu aquilo que eu defendo em relação às crianças é: eu sei que erro e sei que tenho muitos erros e aceito muito uma crítica. Porque acho que é com a crítica que nós crescemos e melhoramos o trabalho com as crianças e portanto penso que as pessoas não aceitam muito bem essa crítica. Pensam que as pessoas estão a destruir o que estão a fazer e talvez aí sintam as tais dificuldades no trabalho.

Neste momento, por acaso há uns anos para cá uns 3-4 anos pelo menos aqui na minha instituição, eu sinto que a equipa de creche têm tido muito essa preocupação. Não temos tido tempo para nos reunirmos muito mas no dia-a-dia como estamos juntas, quando conseguimos trocar impressões, há sempre essa preocupação e toda a atitude em relação às crianças, todo o ambiente à nossa volta têm melhorado muito. Tem-se respeitado muito mais a criança, tem-se tido mais preocupação, pelo menos a grande maioria tenta que a família interaja, que a família apareça, que a família esteja e dar importância a isso e já não há... já assim uma ou outra que sai mais do grupo mas a grande maioria já entenderam isso. E tem sido mais fácil trabalhar assim e penso que mais benéfico para as crianças e para as famílias.

Agora realmente sem a família, as crianças não são minhas as crianças são dos pais. Principalmente, nós estamos ali para colaborar na educação, no bem-estar das crianças. Portanto, eles é que são as principais figuras! Eu posso ter uma atitude com uma criança que eu acho que é correcta mas se um pai me disser que não acha bem eu tenho de reflectir sobre essa atitude e tenho de conversar com ele e tenho de chegar a uma conclusão. E não posso tê-la se o pai não gostar. A não ser que seja mesmo uma coisa que eu pedagogicamente defenda mas também tenho de justificar ao pai e os pais têm de perceber e tem de estar ao meu lado.

**Pergunta:** E se for por exemplo ao contrário? Há uma atitude que se passa com os pais e que tu penses...

**Resposta:** Eu aí também interfiro. Quero dizer, interfiro no aspecto do tal diálogo, se eu estou em diálogo com eles e se eles me dizem o que é que pensam e o que é que acham em relação ao filho, eu também digo aquilo que penso.

Se eles têm atitudes “incorrectas”, entre aspas, quem sou eu também para achar que é incorrecto ou não, se eu não acho que esteja bem e que devo conversar com o pai e perguntar porque é que ele teve aquela atitude, porque penso que vai suscitar esta ou aquela transformação na criança eu converso com eles. Mas digo-lhes! E isso digo!

Qualquer coisa que um pai faça que eu penso que não está muito correcto. Converso com eles! E como a relação realmente é muito grande com os pais e como há uma aceitação mútua, o diálogo torna-se fácil! E tudo aquilo que lhes estou a dizer como têm confiança em mim como educadora, vão aceitar, vão experimentar e vão fazer e eu também se aceito os pais, também a minha atitude adaptar-se-à perante aquele pai!

Aquele pai tem um tipo de cultura e querem que as coisas sejam de uma forma o outro pai tem outro tipo de cultura quer que as coisas sejam encaminhadas de outra forma. E eu tento de ir ao encontro daquilo que eles querem mas sempre numa base de diálogo. Reuniões só fiz uma, mais para os pais conhecerem-se e falarmos um pouco sobre a minha atitude. O que eu considerava... mesmo o que temos

estado a falar aqui foi a base da minha reunião com os pais, em que eu pouco falei e eu pus os pais a falar sobre o que é que eles pensam, sobre a importância da creche, porque é que os filhos estavam na instituição, qual deveria ser a minha atitude para os seus filhos e qual seria a atitude deles como pais. E foi assim que estivemos todos a conversar!

**Pergunta: Foi a base da reunião?**

**Resposta:** Foi a base da reunião, não fiz nada de especial, nem com nada pedagógico, nem nada muito organizado. Foi precisamente um diálogo entre todos os pais da sala. Eu tenho 11 crianças, isto é, 11 pais alguns com os parceiros, pai e mãe, nós da sala, a estagiária e a directora e conversamos ali como pessoas crescidas sobre os filhos. Até tiveram presentes alguns que diziam o que é que se passava, o que não se passava, como pensavam, o que não pensavam, como é que eles achavam e realmente foi muito positivo! Fiquei com a ideia que os pais compreenderam o que era o nosso trabalho e nós também.

As dificuldades que eu tenho realmente de estar com as pessoas que estão à nossa volta. Isso para mim....Com os pais é mais fácil!

**Pergunta: Com os pais não há constrangimentos, não há grandes dificuldades de estar no dia-a-dia e de falar com eles...**

**Resposta:** Não. E com todos os pais eu tenho um bom relacionamento. Com os pais mais novitos, às mães mais “gaiatas”, como costume dizer, eu tento fazer até uma formação, ajudá-las a crescerem, a serem mais mulherzinhas, mais mães, quase uma formação ali todos os dias e que elas vão tendo mais confiança em nós quase como mães também, é mais uma relação assim mas que se vai construindo. Mas sempre a dar-lhes responsabilidade como mães!

Com os outros pais, com pais que tem outro grau de cultura e que estão dentro da área, troco impressões dando sempre a minha opinião e tentando transmitir aquilo que eu penso, aquilo que eu sou como pessoa. E eles vão dizendo também o que pensam e a forma de estarem na vida que são diferentes. As pessoas são diferentes e depois também querem coisas diferentes para os filhos. O dia-a-dia não é difícil!

Eu apanho todos à entrada ou então apanho quase todos à saída. Eu sempre defendi que as crianças não devem estar muito tempo e devem estar com a família, de modo que as minhas crianças desde bebés desde que os pais possam, vão o mais tarde possível levá-los e o mais cedo possível buscá-los. Por isso eu nunca tenho a permanência das minhas crianças muito tempo na minha sala, um ou outro depende do trabalho dos mesmos, mas mesmo assim esses que estão muito tempo os pais assim que podem ou estão de folga ou que tem possibilidade de deixar com a avó, fazem porque há muito desse espírito ali desde bebé e transmiti-lhes muito a importância deles em estarem com a família.

**Pergunta: A tua grande dificuldade é de facto a formação com o pessoal...**

**Resposta:** É porque há sempre falhas, nós já estamos todas com uma idade muito avançada e com muitos anos de serviço e também adoecemos, temos de ir ao médico, há sempre falta de pessoal e não há substituição de pessoal e não vamos sair da sala. E eu tenho muita dificuldade em sair da sala. Reconheço que isso também é um erro meu. Eu podia às vezes sair em certas horas e tentar organizar as coisas para depois puxar uma ou outra, eu própria penso não estou lá não estou com eles. Mas isso também tem a ver com o meu feitio, já tem a ver comigo. Podia às vezes ser mais fácil! No início do ano tenho sempre esta preocupação em querer estar com as pessoas mas depois não consigo concretizar, tem a ver com a minha maneira de ser também.

**Pergunta:** Se não quiseres acrescentar mais nada resta-me agradecer. Portanto, esta entrevista será transcrita e ser-te-à depois devolvida e depois se achares necessário rectificar alguma coisa, acrescentar alguma coisa que aches importante para o teu trabalho pedagógico e que não lembraste de referir.

**Resposta:** A única coisa que eu não referi muito...não referi...não tenho muita preocupação com as actividades. Mas acho que isso já referi mas não quer dizer que mais tarde vá fazendo. Há coisas que vou fazendo naturalmente vão acontecendo. Não tenho essa preocupação para mostrar aos pais o que é que fiz ou que não fiz. Não tenho essa preocupação. Eu sinto aquilo que sou, sei o que estou a fazer e se quiserem ver é sentirem nos filhos.

**Pergunta:** E isso faz-lhes bem, já que há uma abertura tão grande, os pais podem estar na sala e que te podem ver...

**Resposta:** Há pais que dizem: *“Ah eu sei como é que é porque eu vejo pela minha filha, eu sinto em casa o que é que se passa aqui”*. É bom sinal!

Não referi em relação aos bebés usarem a chucha, ou não usarem chucha, beberem biberão ou não beberem biberão, fraldinhas...

As fraldinhas é assim eu vou tirando conforme sinto nas crianças que já estão a controlar sozinhos na fralda, vai-se tirando as fraldas para ½ -2 anos já estão a controlar o xixi porque tiramos a fralda e está seca. E depois vou conversando com eles! Querem o bacio...o bacio depois aparece... se eles querem o bacio, aqueles que já querem o bacio vão fazer, aqueles que vêem os outros a fazer também querem fazer e depois vou tirando assim durante o dia, depois vou apanhando xixi e cocó por todo o lado mas não me preocupa isso. Isso é uma fase! Falo com os pais ao mesmo tempo e faço tudo em colaboração com os pais porque senão não resulta tanto. Mas numa de, se ele fizer no chão ou cocó nas cuecas conversamos e explicamos *“Olha não é melhor fazer no bacio”*. Aconteceu-me isso este ano num grupo de 11 crianças, estou com 6 que não tem fraldas que deixaram quase de um dia para o outro. Parece que para eles foi assim muito importante! Deixaram logo e depois já não quiseram ir para a sesta de fralda...e portanto já não fazem! Fazem no bacio, os bacios estão lá quando eles dizem que querem fazer xixi vão a correr...Normalmente é nesta época no Verão, andam de cuequinhas à vontade. E à vontade vão ficando. Os pais agora têm o resto do Verão para continuarem o trabalho que fizeram e em Setembro logo se vê. Mas vou tirando assim naturalmente.

Em relação às chupetas e aos biberões.

O biberão, eu acho que eles deviam usar até ir para a tropa, acho que não prejudica nada e às vezes é uma forma de beberem mais leite porque por vezes há aquelas crianças que não querem beber leite pelo copo. Eles no Ninho bebem sempre pelo copo se eles em casa tiverem sempre o biberão, não vale a pena, digo sempre aos pais: *“Não tire o biberão deixem estar que eles não têm vergonha de andar com o biberão”* e depois os pais dizem *“Ai mas ele é tão crescido que vergonha”* mas eles não têm vergonha, o que é que querem, qual é o problema! Cada um anda como quer e eles andam de biberão na boca...Não sei se está muito certo ou muito errado mas é o que eu sinto.

Em relação à chucha, só tento conversar com eles quando na parte do médico é dito que está a ser prejudicada a parte do maxilar e da dentição. E aí converso um bocadinho e digo *“ Olha pelo menos durante o dia não precisas da chucha estás a brincar, a P.....guarda aqui na algibeira e depois quando tu*

*precisares pedes que a P....dá logo.*” E eles sabem que está ali na algibeira e às vezes vem ver pegam na chupeta mas depois guardam outra vez na algibeira e seguem. È uma segurança! Mas não lhes tiro radicalmente, não faço dramas nem tragédias com a chupeta. Então quando eles não têm problema nenhum de dentição, os dentes não deformam, há muitas crianças que os dentes não deformam deixo-os andar, a chupeta é deles! Agora quando deforma converso com eles e tento que os pais também conversem com eles e não tomem atitudes muito drásticas. Isso ai então quando eles choram e querem a chupeta, dou-lhes as chupetas, as fraldas, tudo o que eles querem e mais alguma coisa porque são as suas defesas!

Em relação ao objecto de transição que todos eles em bebés eu procuro logo na entrevista aos pais que faço saber esses pormenores todos. Se usam chupetas, se usam uma substituição de chupeta, se tem uma fraldinha...Eu por acaso habituo os meus bebés todos com uma fraldinha na cara porque acho que lhes dá uma certa “ternurinha” e eles gostam. E quando estão a adormecer ponho-lhes uma fraldinha, faço-lhes uma festinha e eles gostam muitos. Então tenho todos os meus meninos a dormirem com fraldas porque acho que os incuti um bocado isso, porque acho que os acalma...

**Pergunta: É um conforto!**

**Resposta:** É um conforto! Quando querem um bonequinho ou um peluche dou-lhes, mas normalmente tenho mais cuidado porque acho que a fralda é mais higiénica em relação ao peluche. Porque às vezes os peluches trazem muito pó e muito pêlo e como existem crianças alérgicas então eu tento que eles se habituem à fralda, normalmente com a fralda e a chupeta...Agora se eles têm algum objecto mesmo em casa que costumam adormecer eles trazem. Trazem e levam na mochila, vão logo buscar de manhã, quando vão para a cama levam o boneco de transição, levam também a fraldinha, a chupeta, levam tudo o que tiverem de levar, levam sapatos, se for uma camisola...às vezes já me aconteceu eles se esquecerem dos objectos de transição e ter de ir buscar roupas deles dentro das mochilas, sempre traz mais o cheiro de casa e colocar perto dele. Ou então a mãe esqueceu-se da fraldinha e trás o casaco e dizemos “*Olhe mas deixe ficar o casaco que nós pomos ao pé*”. Para lhes dar essa segurança!

Mas isso são só nos primeiros meses, depois a pouco e pouco são eles próprios que se vão adaptando e não querem. Às vezes são mais os pais que querem pôr os objectos do que eles. Mas isso parte deles, são eles que decidem o que é que querem nessas coisas eles é que têm de ter segurança. E por isso não me meto muito!

A chupeta é a única coisa que, só se os dentes estiverem a ficar deformados e mais tarde tem de usar aparelho e converso com eles e guardo na algibeira. Ainda ontem falei com uma pequenina “*Olha a tua chupeta está aqui na bancada estás a ver? Se te apetecer vais ali buscar*”. Ela espreitou, viu, sorriu, viu que estava bem e foi-se embora brincar. Se ela lhe apetecer sabe que está ali e vai ali buscá-la.

**Pergunta: Exacto, não há proibições..**

**Resposta:** Não há proibições de nada, eles é que metem o rádio a tocar (risos).

**Pergunta: Tem de ser autónomos..**

**Resposta:** São muito autónomos! È uma linha que eu tenho dar-lhes muita autonomia e dar-lhes muita liberdade de acção dentro da sala.

**Pergunta: Se eles põem o rádio a tocar já sabem, para já, já sabem o que é que podem contar, qual é a tua reacção , o que podem contar contigo..**

**Resposta:**...sim...já vão à gaveta buscar as fraldas para porem, vão ajudar a ir buscar roupas dos outros, vão ao caixote do lixo deitar lixo, vão levar o carrinho do comer à cozinha, ajudam a pôr a mesa, pronto, eles têm muitas actividades tal e qual como tivéssemos em casa. Embora que seja uma casa muito mais agradável porque ali não há muitos perigos e nós não estamos sempre a dizer: “ *Não mexam ali, não façam isto e não façam aquilo*”.

**Pergunta: É o espaço deles!**

**Resposta:** Pois é o espaço deles. Pronto, mas crio muita autonomia desde muito pequeninos. É uma coisa que... eles agora estão a fazer no bacio mas eles no início do ano em Setembro vão começar a ir à casa-de-banho sozinhos. Eu gosto que eles sejam autónomos com uma certa vigilância e segurança. Porque nós não sabemos o dia da amanhã e quanto mais defesas eles arranjam melhor se defendem deste mundo e das coisas todas. É assim!

**Pergunta: Está bem, mais uma vez obrigada! Já sabes se quiseres acrescentar mais alguma coisa estás à vontade (risos).**

## **Anexo 4: Quadros de análise das entrevistas**

## Vertente de análise (A): organização do quotidiano (Rotina diária)

### 1ª Dimensão: concepções sobre o acolhimento

Categorias	Unidades de sentido
Solicitude face às crianças	<p>“ Quando eu chego já muitas [crianças] estão na sala, mas ainda faço o acolhimento a algumas crianças. É respeitar muito aquele período da manhã em que eles chegam e às vezes, ainda têm soninho, e estão um bocadinho ao nosso colo, temos que estar despertos para isso e depois, quando eles querem ir brincar é largá-los e deixá-los ir” (Cláudia).</p>
Relacionamento solícito com os familiares	<p>“ [...] o nosso trabalho logo cedo começa com uma intensidade muito grande, começa logo com a receção, que eu acho muito importante ,o acolhimento das crianças e suas famílias. O meu quotidiano começa logo com trocas de recados, de gracinhas, de tudo o que é importante para a criança...serve para nós transmitirmos aos pais, o desenvolvimento que eles estão a adquirir...começa assim com muita troca, com muita disponibilidade nossa [...] é muito importante que eles [os pais] sintam a disponibilidade da nossa parte [...] temos que pensar que o nosso dia ali na creche tem que começar bem, que os pais estão a sentir que são bem recebidos e que nós estamos disponíveis para os acolher, para responder às suas dúvidas [...]” (Ângela).</p>
	<p>“ Tudo o que é inerente a um bebé é importante! Ou seja, o ele chegar e estar bem, sair do pé da mãe, a mãe ir para o trabalho confiante, porque deixou o filho bem, não ir angustiada, nem pensar «ele ficou bem ou não ficou bem, não ficou a chorar...» mesmo que ele fique a chorar, mas que a mãe se sinta confiante ou seja, o importante é a mãe ter confiança na pessoa a quem deixa o filho. Eu acho que isso é logo o primeiro ponto de importância da educadora em creche dar essa confiança aos pais [...]” (Ana).</p>

## 2ª Dimensão: Organização dos espaços e materiais

Categorias	Unidades de sentido
Constrangimentos	<p><i>[...] em relação à organização do espaço, ah, o que nós tentamos é que eles tenham o máximo do espaço liberto possível, para poderem brincar à vontade, [...]mas depois acaba por condicionar um bocado [...]na altura das sestras. Porque é assim: nós comemos e fazemos a sesta no mesmo espaço e para tentar organizar a rotina nós tentamos pôr as caminhas antes da refeição para quando eles acabam de comer ir mudando a fraldinha, e ir logo para a caminha. O espaço acaba por ser muito reduzido, eles mesmo que acabem de comer e queiram andar ali pela sala, é complicado. O ideal mesmo, era ter um espaço à parte, onde eles pudessem dormir, mas como isso não é possível, a gente tenta adaptar da melhor forma, de forma a que haja espaço para eles brincarem, mas também que haja espaço para pôr as camas, de forma a que não tenhamos que mexer na sala todos os dias para mudar tudo. [...] É a mesma história quando eles acordam à tarde [...] O ideal era que à medida que eles fossem acordando pudessem ir para outra sala. Ali vão ter que ficar na caminha até...lá está são as tais condicionantes em que defendemos uma coisa, mas depois à medida que estamos na prática temos que fazer outra, porque as condições são mesmo assim” (Cláudia)</i></p>
Espaço de descobertas e desenvolvimento	<p><i>“[...] em relação à organização do espaço, ah, o que nós tentamos é que eles tenham o máximo do espaço liberto possível, para poderem brincar à vontade, têm os objectos todos à sua disposição, sejam brinquedos, sejam os objectos de transição, ou guardamos na gavetinha deles, sempre ao alcance, por ali perto, para que eles possam recorrer quando quiserem e depois tentamos, para que não haja aquela... que às vezes se vê na sala...na creche ou no jardim-de-infância, aquela sobre-estimulação, muita coisa, muita coisa que acaba por não, por não ser quase nada, temos assim um ambiente com cores suaves que sejam apelativas, mas que não sejam aguerridas à vista[...].” (Cláudia)</i></p> <p><i>“ [...] depois é, depende das idades das crianças, nós temos[...]de começar a organizar a sala, como eu digo, de maneira a satisfazer as crianças, cada criança, possa satisfazer o ritmo de cada uma[...]Uma questão à qual dou bastante importância, é há organização dos espaços e materiais, pois sei que disso depende grande parte do sucesso do nosso dia-a-dia. Isto é: se eu organizar as salas de acordo com as diferentes idades e necessidades das crianças, eu terei maior oferta e disponibilidade para as crianças, se proporcionar espaços amplos diferentes, desafiadores com materiais adequados e sempre acessíveis às crianças, eu vou proporcionar-lhes, maior espaço de descobertas e de desenvolvimento. Estou a contribuir para um desempenho mais autónomo e independente. Quando falo nos materiais incluo também os brinquedos e outros objectos de afecto, que as crianças trazem para a nossa sala. Pois sei que para além de os acalmar, dá à criança um cheirinho da casa, um conforto e segurança (Ângela).</i></p>

---

### 3ª Dimensão: organização do tempo em função das crianças

Categories	Unidades de sentido
	<p>“ [...] e então a partir daí tenho de ver o que é que cada criança necessita...se necessita de descansar, se fica na sala,[...]se necessita comer ou mudar a fralda [...] tentar organizar, perceber através dos sinais que eles nos dão o que é que iremos fazer [...] Após as refeições quem precisa vai dormir, quem não precisa fica na sala. Portanto não há assim [...] momentos mortos, não os há, existem sempre crianças na sala e isso prolonga-se até ao lanche, alguns continuam a dormir, outros lancham [...] a rotina [...] é a criança que a faz [...]” (Ângela)</p>
Personalizar os cuidados e as rotinas	<p>“ [...] desde o mudar a fralda, de sentir se a criança está mais incomodada ou menos incomodada em relação ao seu bem-estar, se a roupa está apertada, se está larga, se está aconchegada, se o sapato lhe está a magoar, o pequeno almoço o que é que vai tomar?, se vai tomar biberão ou papa, a que horas ,se está a dormir, conciliar a papa com a hora do sono[...]as crianças na creche têm de ser tratadas individualmente, todas as crianças, mas nestas idades cada uma com o seu ritmo de vida. [...] mais tarde têm um ritmo de vida muito idêntico, [...] na creche, eu acho que é quase impossível, só é possível se as pessoas as obrigarem a fazer tudo ao mesmo tempo. Não é essa a minha ideia! Eles têm que entrar e ter o ritmo deles, cada um deles [...] têm de permanecer dentro da sala, com os seus hábitos, com o seu ritmo e se vão dormir? quando querem, vão comer quando? Quando precisam. Temos que estar sempre atentos [...] a atitude é sempre de vigilância, de preocupação e de observação [...]” (Ana).</p>
Dificuldades	<p>“ [...] Porque é assim: nós comemos e fazemos a sesta no mesmo espaço e para tentar organizar a rotina nós tentamos pôr as caminhas antes da refeição para quando eles acabam de comer ir mudando a fraldinha, e ir logo para a caminha. O espaço acaba por ser muito reduzido, eles mesmo que acabem de comer e queiram andar ali pela sala, é complicado O ideal mesmo, era ter um espaço à parte, onde eles pudessem dormir, mas como isso não é possível, a gente tenta adaptar da melhor forma [...]” (Cláudia).</p>
Proficiência e influência da criança sobre o educador	<p>“ [...] tentar organizar, perceber através dos sinais que eles nos dão o que é que iremos fazer [...]” (Ângela).</p>

---

#### 4ª Dimensão: refeições

<i>Categorias</i>	Unidades de sentido
Horário personalizado	<i>“ Depois vem a outra parte do dia que é importante; a hora do almoço. À hora da refeição, lá está, cada criança almoça ao seu ritmo. Se uma criança comeu muito cedo, vai almoçar primeiro, se alguns estão a dormir nesse entretanto, [...] porque não há necessidade de todos comerem à mesma hora [...] nós tentamos respeitar ao máximo, embora tenhamos sempre aquela hora alargada de almoço, mas temos a possibilidade de ter uma criança, por exemplo, a almoçar às 13h30m/14.00h se for o caso, ou a almoçar a meio da manhã, 10h30m/11h. (Ângela)</i>
Autonomia	<i>“ [...] na refeição desde os nove meses que as minhas crianças estão a comer sozinhas e a chafurdar, agora com dois anos eles estão a comer perfeitamente bem sozinhos com a colher e sabem saborear o comer. E sabem o que querem! [...] E há sempre paladares que não gostam e sempre coisas que não querem [...]” (Ana)</i>

## 5ª Dimensão: repouso

<i>Categorias</i>	Unidades de sentido
<b>Condicionantes Institucionais</b>	<i>[...] O ideal era que à medida que eles fossem acordando pudessem ir para outra sala. Ali vão ter que ficar na caminha até...lá está são as tais condicionantes em que defendemos uma coisa, mas depois à medida que estamos na prática temos que fazer outra, porque as condições são mesmo assim” (Cláudia)</i>
<b>Versus</b>	
<b>Uma resposta personalizada</b>	<i>“ [...] as crianças dormem a horas diferentes” (Ângela)</i>

## 6ª Dimensão: higiene

<i>Categorias</i>	Unidades de sentido
	<i>“ [...] a parte da muda da fralda que é muito importante. Há muitas pessoas que «andam» nesta profissão a pensar que estes são momentos menos gratos [...] pelo contrário, são os momentos mais ricos que uma pessoa pode ter, porque o contacto na muda de fraldas com a criança se esta não se sente à vontade, não vai ter uma relação connosco, não se vai sentir bem, se estivermos a despi-la, a mudar a fralda e não a encarmos [...] não estamos disponíveis para esses momentos tão ricos no quotidiano ... mas que nós tentamos valorizar sempre” (Ângela).</i>
<b>Valorização do tempo dos cuidados</b>	<p><i>“ Tem cocó que bom. Porque o cocó dá-me mais tempo para eu estar ali a mudar a fralda, a conversar. Até costume dizer: Vamos lá ao tratamento VIP. Aqui é tudo limpinho, posso colocar um creme cheiroso ou pode cheirar o creme, eu posso conversar e dizer que as pernas vão estar ali mais tempo no ar e tal [...] estes momentos são muito ricos! E é nestes momentos que nós temos de ter uma relação com eles espectacular”</i></p> <p><i>“Na criança no dia-a-dia eu valorizo tudo, desde que ele chega até que se vai embora tudo para mim tem valor. Não é como uma amiga minha (auxiliar) que dizia assim: “Oh ----, tu és educadora de creche?” “Sou” “Então tu mudas as fraldas aos teus bebés?” “Sim, tenho bebés pequeninos” “Dás de comer?” “Dou. 3 Vezes ao dia” “E vocês limpam o “ranhinho” quando elas estão sujas, as educadoras é que tratam?” “Claro!” e eu então perguntei “ Porque é que estás a dizer isso? O que é que querias que eu fizesse?” “Na minha instituição as educadoras não fazem nada disso. Só a parte pedagógica!” Então o que é que a educadora considera pedagógico com uma criancinha ou um bebé até aos 2-3 anos? O que é ela considera pedagógico? É o quê?” (Ana).</i></p>

## 7<sup>a</sup> Dimensão: entrega das crianças aos familiares

<i>Categoria</i>	Unidades de sentido
<b>Partilhar com as famílias o quotidiano das crianças</b>	<i>“Com essa disponibilidade acabamos por chegar ao final do dia, as crianças começam a sair, umas mais cedo outras mais tarde...e lá está novamente o contacto com os pais, a entrega da criança à família. A família vem com mais disponibilidade à tarde do que de manhã, têm mais vontade de ficar, entrar na sala, perguntar como correu o dia, [...]” (Ângela).</i>

## Vertente de análise ( B ): trabalho directo com as crianças

### **1ª Dimensão: Disponibilidade e respeito pela criança**

<i>Categories</i>	Unidades de sentido
Intencionalidade educativa	<p>“[...]quando as crianças entram tentamos sempre fazer com que a adaptação se processe de uma forma progressiva[...]” “[...]há a tendência para encarar a creche com função educativa, onde há intencionalidade, onde as coisas não são feitas ao acaso, onde a criança é valorizada, onde se acredita que ela é capaz de aprender por si mesma[...]” “[...] existe uma intencionalidade quando estamos a fazer o que quer que seja, mudar uma fralda , quer seja na refeição, quer seja nas actividades que propomos [...]existe sempre uma intencionalidade educativa”(Cláudia).</p>
Flexibilidade da rotina diária	<p>“De facto temos a rotina instaurada, mas não está assim tão bem definida, porque é a criança que a faz e nós tentamos adequar a nossa estrutura à criança e não vice-versa, porque a partir daí há muita brincadeira no meio, as rotinas são sempre acompanhadas de muita interação [...]” “[...] pois toda a nossa equipa acredita que a criança é um ser com personalidade que temos que respeitar” (Ângela)</p> <p>“[...] mais tarde têm um ritmo de vida muito idêntico (no jardim-de-infância) na creche, eu acho que é quase impossível só é possível se as pessoas as obrigarem a fazer tudo ao mesmo tempo. Não é essa a minha ideia! [...] e se vão dormir? Quando querem. E se vão comer? Quando precisam!”. (Ana)</p>
Atitude do educador	<p>“ [...] A atitude sempre de vigilância, de preocupação e de observação. Temos que estar sempre a observar todas as atitudes do bebé! Podemos estar com a colega [...] a combinar a hora do comer [...] mas sempre com muita atenção às atitudes, às brincadeiras, aos olhares deles, principalmente, ter muita preocupação quando estamos na creche, ao nosso olhar. Dado que a criança ainda não fala, ainda balucia sons [...] tirando algumas excepções de alguns que começam a dizer algumas palavras [...] De resto é o gesto a expressão facial, o sentir, o chorar, o olhar, o trajecto da cabeça, os movimentos corporais, temos que estar muito atentos a isso. A nossa atitude ali na creche não é a de fazer actividades [...] É a atenção individual da criança e proporcionar situações que beneficiam o seu desenvolvimento[...] provocar situações em que ele fique satisfeito em caminhar mais[...] nós estamos ali,[...]prontos, atentos[...] ” (Ana)</p>
<b>O diálogo adulto/criança como mediador das aprendizagens</b>	<p>“ [...] é que eles quando estão comigo esperam pela minha explicação e eles [as crianças] comigo, se lhes disser as coisas assim eles estão à espera e fazem. Nunca choram, nem fazem birras! Porque eu explica e eles aceitam. Eu dou-lhes recados muito cedo [...]” olha não é aí tens de vir para aqui ou ali. Então anda cá estás a ver? Volta lá outra vez”.</p> <p>“ [...] dou recados muito complicados, parece que às vezes não vão fazer nada mas eles param a meio, olham para mim, fazem-me sinal, sem falar porque os meus pouco falam, eu digo-lhes«Sim agora fazes isto»e eles vão, fazem e vêm.” Eu vou olhando para eles, eles vão olhando para mim e eu vou seguindo [...]</p> <p>[...] Olha a tua chupeta está aqui na bancada estás a ver? se te apetecer vais ali buscar. ela espreitou, viu, sorriu, viu que estava bem e foi-se embora brincar” (Ana)</p>

## 2ª Dimensão: primado da relação com as crianças

Categorias	Unidades de sentido
Relação edificadora do conhecimento	<p>[...] e há tanto contacto físico e tanto carinho[...] “ Depois o meu dia-a-dia é muita, é muita relação porque estas idades ainda dependem muito do adulto e procuram-nos muito, e o colinho e o aconchego, passa muito por aí [...] passa muito mais pela relação do que propriamente pelas actividades [...] as estagiárias têm muito essa preocupação [...] e nós tentamos sempre despertá-las para que o importante ali é a relação [...]” é muito mais importante o processo que o produto final [...] Aquilo que se vê agora e o que se observa no final. Mais tarde, como progresso das aprendizagens” [...] Relação com o adulto e mesmo entre eles. Todo o ambiente da sala é um ambiente relacional, e nós vemos muito isso pela criança com paralisia cerebral. Eles acarinham-no eles fazem-lhe festas, eles dão-lhe beijinhos Tudo ali é baseado na relação. É uma coisa que se valoriza. Deve-se valorizar em todo o lado [...] mas acho que na creche é uma coisa que está muito mais evidente, que salta muito à vista, a questão da relação” (Cláudia).</p> <p>“ [...] muitos momentos de partilha, porque nestas idades, mais do que tudo, temos que construir a relação...e a relação não tem hora marcada, não é?” “Valorizo acima de tudo a relação. Nada se faz, quase como em tudo na vida, sem ela, na creche então tem que ser a base, a relação que nós construímos com as crianças, com as famílias” “ [...] a partir da relação que a criança vai construindo connosco, com os pares, em todas as interações, vai construindo o seu conhecimento de tudo aquilo que a rodeia” (Ângela).</p> <p>“ [...] Valorizar muito o gosto das crianças [...] Quando por exemplo uma criança X está a chorar e quer ir para a auxiliar, a as educadoras dizem: Não vais nada! Então o que é isto agora estás a chorar? Não é assim! Então eu gosto de todas as pessoas por igual?” (Ana)</p>
Constrangimentos	<p>“ [...] Eu ia lá (ao primeiro berçário) uma vez por semana, era, não é nada, e acabamos por nos sentir frustradas porque não conseguimos desenvolver um bom trabalho com aquelas crianças [...]” Porque também a nossa sala, quer queiramos quer não, acaba por ficar desfalcada de qualquer das formas” (Cláudia).</p> <p>“ [...] no fundo é gerir duas equipas e dois grupos [de crianças] e dois grupos de pais, e acabamos por ver que não se consegue, que não se consegue, ... que é muito pouco aquilo que se faz” (Cláudia).</p> <p>“ [...] e o que aconteceu o outro ano com a educadora que esteve responsável foi a mesma coisa. Nós sentimos que é muito pouco [...]”.</p> <p>“ [...] as pessoas ainda não acreditam que é importante uma educadora no berçário, uma educadora no berçário porquê? Porque não? Porque é que têm que ter três auxiliares e não haver uma educadora no berçário? [...]”.</p>

### 3ª Dimensão: relação pedagógica e afectividade

<i>Categorias</i>	Unidades de Sentido
Compreensão sobre o objecto transicional	<p data-bbox="497 501 1267 555">“ [...] um bocadinho despertas para os hábitos que as crianças trazem, que objecto de transição é que utilizam[...]como é que lhe chamam[...]”(Cláudia).</p> <p data-bbox="497 577 1254 631">“ [...] objectos de afecto[...]além de os acalmar, dá à criança o cheirinho da casa, um conforto e segurança” (Ângela).</p> <p data-bbox="497 663 1279 795">“ Em relação ao objecto de transição [...]acho que lhes dá uma ternurinha [...] acho que os acalma[...]trazem e levam na mochila[...] quando vão para a cama levam o boneco de transição, levam a fraldinha a chupeta, levam tudo[...]se eles se esquecem[em casa][...]vou ter que ir buscar roupas deles dentro das mochilas, sempre traz mais o cheiro de casa, e colocar perto deles” (Ana).</p>

## Vertente C: trabalho com as famílias

### 1ª Dimensão: primado da relação com as famílias

Categorias	Unidades de sentido
Colaboração e relação de confiança	<p>“ [...] na relação com os pais, até hoje, graças a Deus, nunca tive problemas de maior e tento sempre, acho que tem a ver com a forma como nós tratamos as pessoas, a forma como se fala. Nunca tive problemas em relação aos pais, nunca houve questões a levantar [...]” (Cláudia).</p>
	<p>“ [...] na abertura, desde o primeiro momento em que os pais vão inscrever a criança. Começa logo aí” “ [...] ao longo destes anos tem demonstrado que é importante, criarmos com eles [com os familiares] elos de ligação, laços importantes de relação e de confiança [...] depois no dia [...] o sorriso...o termos a porta aberta...os pais ficarem na sala quando têm tempo, nós estamos sempre disponíveis [...] O contacto diário é muito importante, sem esse contacto nós não podemos construir nada, e os pais, acho que sentem esses feedback, e sentem-se muito à vontade [...] e essa relação vai-se afinando todos os dias. O que valorizo? [...] Todo o trabalho da creche é relação...com os pais e com a criança” (Ângela).</p>
	<p>“ [...] Jo contacto com a família é muito importante. Eu não consigo viver ou tratar de uma pessoa sem estar envolvida com a família, sem pôr a família envolvida. O permanecer na creche, pais, avós e das pessoas que colaboram mais directamente com a criança dentro da minha sala é uma coisa que eu ando sempre a proporcionar [...] por vezes um pai com mais tempo vem durante o dia ou uma tarde e brinca com o filho” [...] Podem entrar e estar na sala [...]” “ Valorizo muito [...] o relacionamento com a família. Não consigo estar com uma criança sem conhecer bem a família, sem colocar essa família em colaboração comigo, em todos os sentidos” (Ana).</p>

## 2ª Dimensão: trabalho em parceria com as famílias

Categorias	Unidades de sentido
<p>Procedimentos e dispositivos de ligação creche-família</p>	<p>“ O nosso hábito aqui é fazer sempre uma entrevista com os pais no início do ano [...] para eu ter em conta realmente a tal situação familiar. Conhecer melhor a criança, os hábitos que traz, a nível da higiene, da alimentação porque são crianças muito pequenas e então nós temos o cuidado de fazer essa entrevista [...] existe um caderninho individual [...] eu no início tentava fazer quinzenalmente [...] agora já passou para mensalmente [...] mas pronto, mensalmente tento [...] Fazer alguma coisa sobre como é que eles estão na sala, o que tem acontecido, as peripécias que eles têm feito, naquela linguagem muito acessível como se fosse a criança a falar [...] na primeira pessoa, que os pais depois devolvem, alguns escrevem, outros não, mas devolvem. Depois temos um placare de informações onde está sempre exposto um texto, cada mês é um texto diferente. Também o envio para casa, com o caderninho, que tem a ver com questões que os pais colocam ou com questões que vão surgindo na sala. [...] Agora o que enviamos este mês tem a ver com os cinco sentidos porque a última reunião de pais, foi muito nesse sentido. Explorar através dos sentidos, através da acção, tudo muito o que defendemos nesta idade. [...] Cada mês é um texto diferente que pode surgir de diferentes coisas: interesses dos pais, acontecimentos da sala, interesses nossos [...]” E as reuniões de pais que normalmente fazemos três por ano [...] onde é dado um feed-back, tanto de uma parte como da outra, como é que as coisas estão a decorrer, do que é que a gente pensa fazer com as crianças, o que é que a gente defende para as crianças, um bocadinho também de dar formação aos pais [...]” “ [...] existe uma intencionalidade educativa. É fazer ver isso [...] aos pais [...]” (Cláudia)</p> <p>“ Para nós trabalharmos com eles e eles connosco [...]” “ [...] equipa que transmite os recados, e tudo o que seja necessário, e que convivem com os pais de uma forma muito saudável [...] a equipa já se preocupa em dar pormenores, se a criança fez isto, se já consegui alcançar isto, se já se coloca em pé sem apoio [...]” “ Mas lá está como o trabalho com os pais nunca acaba [...]” “[...] Depois quando vamos iniciar o ano lectivo temos uma reunião de pais, que eu acho extremamente importante, porque vai a perspectiva dos pais para conhecerem os pais da mesma sala, trabalha a relação connosco equipa e com os pais que fazem parte da mesma sala... Isso faz-no pensar.” “ Depois, tenho o diário colectivo de parede, no qual tento escrever todos os dias, escrevo como as crianças da sala porque estiveram; o que é que nós fizemos [...] ou comentamos que a criança começou a dizer palavras novas...e tudo isso é registado, de forma que os pais tomem conhecimento, é muito importante para os bebés. Tenho um diário individual, onde é escrito como a criança esteve, todo o tipo de descobertas, de evoluções que o bebé fez. Muitos pais também querem escrever no diário, alguns escrevem no fim-de-semana” (Ângela)</p> <p>“ [...] eu procuro logo na entrevista que faço aos pais, saber esses pormenores todos” “[...] Reuniões só fiz uma [...] em que eu pouco falei e eu pus os pais a falar sobre o que é que eles pensam, sobre a importância da creche, porque é que os filhos estavam na instituição, qual deveria ser a minha atitude para com os seus filhos e qual seria a atitude deles como pais. E foi assim que estivemos todos a conversar” (Ana).</p>

## Vertente ( D ): Organização e gestão do trabalho pedagógico

### 1ª Dimensão: trabalho em equipa

---

Categorias	Unidades de sentido
Planear e avaliar	<p><i>“[...] ao nível das planificações de projecto, existe o projecto de sala, existem planos mensais [...] e são avaliados no fim de cada mês em conjunto com as auxiliares [...] essas planificações são feitas com as auxiliares também [...] existe sempre uma intencionalidade educativa. É fazer ver isto [...] às pessoas, que vão trabalhar connosco no directo, porque por vezes não há essa sensibilidade” (Cláudia).</i></p>
Coerência educativa	<p><i>“ [...] tudo é passado para uns placares que eu utilizo na sala para todo o pessoal da sala estar desperto para essa situação, em que reunimos no início do ano, em que explicamos que crianças é que vão entrar, para as auxiliares também estarem um bocadinho despertas, para os hábitos que as crianças trazem, que objectos de transição utilizam, se utilizam, se não utilizam, como é que lhe chamam, terem em atenção esses pequeninos pormenores [...] precisamos estar mais despertas e mais sensíveis para isso. [...] O facto de termos reuniões periódicas na sala desde logo [...] normalmente uma vez por semana, mas nem sempre se consegue [...] mas tentamos que haja esses momentos de reflexão e partilha [...]” (Cláudia).</i></p>
Constrangimentos	<p><i>“ O trabalho de equipa também não é fácil, porque somos quatro pessoas com personalidades completamente diferentes, com anos de serviço muito elevados, que fez com que no início a «coisa» fosse um bocadinho mais complicada, pois tinham uma perspectiva um pouco diferente da minha e a minha dificuldade era de ter um trabalho de equipa muito coerente...não posso dizer aos pais que trabalho «isto» com as crianças e depois constatarem que não é bem assim que se faz. Portanto tem que ser um trabalho de equipa muito coeso, muito falado, muito discutido [...] o nosso trabalho de equipa, às vezes pode ser encarado como uma dificuldade, porque há pessoas que como têm muitos anos de serviço acabam por estar agarradas, enraizadas a um certo tipo de trabalho que já não se faz. [...] pode ser uma dificuldade mas também pode ser uma vitória /desafio[...]As «coisas» acabam por encaixar e caminhar todas no mesmo sentido e estarmos todas em sintonia[...]o trabalho de equipa é um trabalho de formação contínua, meu e delas...que acaba por tentar criar um caminho mais feliz para as crianças” (Ângela).</i></p> <p><i>“[...]há sempre falhas, nós já estamos todas com uma idade muito avançada e com muitos anos de serviço e também adoecemos [...]há sempre faltas de pessoal[...]”</i> <i>“No início do ano tenho sempre esta preocupação, em querer estar com as pessoas, mas depois não consigo concretizar, tem a ver com a minha maneira de ser também” (Ana)</i></p>

---

**Vertente de análise (E): Re-Construção da identidade profissional do educador  
que desempenha a sua intervenção pedagógica na creche**

**1. Primeira Dimensão de Análise: *Como as educadoras se vêem: Imagem pessoal da profissão***

*Unidades de sentido*

“ Eu acho que o nosso papel de educadora, principalmente na creche, ainda continua a estar muito aquém do que deveria estar [...] ainda vêem a criança, se, calhar como um ser menos válido [...]Qualquer coisa lhes serve até eles ficarem granditos e como tal, e quando começarem a falar e serem mais autónomos, logo precisam de um acompanhamento profissional, mas enganam-se[...] ]É preciso educar. Os pais e não só, toda a equipa que está à nossa volta... a comunidade [...] mostrar através do nosso trabalho, no dia-a-dia, desmistificar [...] A educadora em creche é fundamental” (*Ángela*).

“ [...]há sete anos que me defini como educadora de creche. Precisamente quando fui tirar licenciatura em 1ª infância aí optei mesmo por trabalhar como educadora da 1ª infância. Como gostei muito e senti-me bem, e acho que fazem muita falta educadoras de creche para desenvolver um trabalho de creche, eu continuei e cá estou no outro lado agora” (*Ana*).

“ Eu não sou mais do que as outras pessoas. Tenho mais conhecimentos pedagógicos, tenho outro tipo de conhecimentos, tenho outro tipo de atitudes e poderei ter outro tipo de preocupações e foi para isso que estive a estudar” (*Ana*)

**2ª Dimensão de Análise: como pensam que os outros as vêem: imagem social da profissão**

Categorias	Unidades de sentido
Imagem social da profissão	<p><i>“ Se bem que hoje em dia ainda há pessoas que encaram a creche com a tal função de guarda, e as crianças estão lá e... Eu acho que cada vez mais, e ainda bem que é assim, há a tendência para encarar a creche com a função educativa onde há intencionalidade, onde as coisas não são feitas por acaso, onde a criança é valorizada, onde se acredita que ela é capaz de aprender por si mesma.”</i> (Cláudia).</p>
	<p><i>“[...] a educadora em creche continua a ser vista ainda um pouco como menos válida...e isso entristece-me muito, porque a minha formação foi toda em creche e o meu percurso profissional continua a ser em creche e eu não pretendo tão pouco mudar, mas acho que os pais e a comunidade em geral, ainda acham que a educadora em creche não é necessária...ainda vêem a criança, se, calhar como um ser menos válido que não necessita de um profissional...pois são pequeninos...não percebem...não entendem...Qualquer coisa lhes serve até eles ficarem granditos[...] a maior dificuldade é o pouco reconhecimento da função da educadora em creche e...isso estende-se muitas vezes à formação das pessoas que estão a trabalhar connosco, pois pensam que para a creche qualquer pessoa serve...e também junto aos pais, não sabem dar o devido valor[...]</i>” (Ângela)</p>
	<p><i>“ [...] estamos agora a colocar outra questão: a de não haver educadora no primeiro berçário. [...] a Direcção decidiu assim e vamos ver até quando [...]Se a Segurança social dissesse [...]que era obrigatório, eles teriam que pôr, mas a Segurança Social também não faz muita força, acaba por acontecer assim”</i> (Cláudia).</p>

## **Anexo 5: Projecto Pedagógico da Educadora Cláudia**

**Anexo 6: Expectativas das Famílias face à Creche: Instituições (A); (C)**

## **Anexo 7: Registos dos Avós; Instituição (C)**

## **Anexo 8: Notas de campo**

## Notas de campo

### **Observações:**

**Instituição (A): 22 a 26 Janeiro**

**Instituição (C): 16 a 20 de Abril**

**Instituição (B): 23 a 27 Julho**

Em contexto, mais exactamente, nas salas das educadoras Cláudia e Ana, só foi registado o momento da observação e muito discretamente, as falas dos intervenientes.

O registo mais pormenorizado foi feito, ou à hora do intervalo a meio da manhã, ou em casa, em horário pós-laboral.

As idades das crianças só foi possível registar após questionamento às educadoras, excepto na sala da educadora Ângela.

Na sala da educadora Ângela o registo das observações foi facilitado, quanto aos nomes e idades das crianças pois a sala da Ângela faz parte do nosso contexto de trabalho.

Por outro lado, e pelo mesmo motivo, não houve qualquer constrangimento inicial, sentido por mim, pelas crianças, pela equipa ou pelos familiares, uma vez que somos todos conhecidos e fui eu que fiz a selecção das crianças e a primeira entrevista aos familiares, na sua grande maioria, os próprios pais.

**Instituição: (A), educadora Cláudia**

**Dia 22 de Janeiro, primeiro dia na sala da educadora Cláudia**

**Registo de observação: Observação geral do espaço físico e do ambiente da sala.**

Este é o meu primeiro dia na sala da educadora Cláudia. Cheguei por volta das 9h.

A Cláudia já estava na sala e veio receber-me. Deu-me um bem disposto bom-dia e disse-me que podia guardar o casaco naquela casa de banho [que também serve de vestiário], que podia pôr os sapatos naquela caixa que estava à porta da sala. Ofereceu-me umas protecções de plástico descartáveis para calçar por cima das meias. Disse-lhe que tinha trazido uns sapatos só para andar na sala e um bibe, e se o podia vestir. A Cláudia deu uma gargalhada e disse-me:

-Ah! Vens preparada.

Entrei na sala e já lá estavam algumas crianças e a auxiliar.

A Cláudia apresentou-me à auxiliar que me confundiu com uma estagiária. A Cláudia disse-lhe que eu não era estagiária e que eu era aquela colega que ela tinha falado, a que tinha sido da turma dela, no curso, e que agora estava a fazer o mestrado e que precisava de fazer algumas observações.

As crianças iam olhando para mim mas não me estranharam. Sentei-me no chão, de costas para a mesa para conseguir um melhor ângulo de visão sobre a sala.

As crianças brincavam livremente nas várias áreas da sala. Umam viam os livros, outras estavam à volta do cesto dos legos, enquanto outras brincavam com uns carrinhos por cima de um móvel baixo que está junto à janela.

A sala pareceu-me bem organizada, dentro daquilo que é possível à educadora organizar, e com alguns materiais e equipamento que despertaram a minha atenção pela sua qualidade e pelo bem-estar e segurança que podem proporcionar às crianças.

A mesa e as cadeiras foram uma delas. São de uma madeira clara muito boa e as cadeiras têm uma altura que permite que as crianças mais altas ou conforme vão crescendo, cheguem em determinada altura com os pés ao chão[o que não chega a acontecer na instituição onde trabalho]. Para além disso as cadeiras têm braços o que permite uma maior segurança, das crianças desta idade que de uma maneira geral se mexem bastante quando estão sentadas pois ainda têm um tempo de contenção motora bastante curto. Nestas cadeiras as crianças têm uma maior liberdade de movimentos podendo virar-se para o lado ou olhar para trás sem o perigo eminente de caírem e de se magoarem.

O colchão também é bastante confortável e foi durante o dia várias vezes utilizado pelas crianças ora para se deitarem, ora para se recostarem em outros colchões mais pequenos que servem de almofadas.

As crianças brincaram durante toda a manhã, ora a pares, ora individualmente. Quando a educadora pôs a música a tocar, alguns pares se formaram. As crianças brincaram na casinha das bonecas, sentaram-se no chão ou no colchão para ver os livros, ou andaram simplesmente pela sala a observar o que se passava à sua volta.

Um aspecto que achei curioso, até porque pensava que já não era prática habitual, como por vezes acontecia na Joa. há vinte anos atrás, foi o facto das crianças mudarem de roupa quando chegam à sala.

Parece-me muito maçador para a criança este veste e despe várias vezes ao dia porque a mãe veste a criança quando se levanta de manhã, assim que chega à sala é despida e novamente vestida, depois se acontece alguma coisa durante o dia, se entorna a sopa ou a água, se fizer um chichi ou um cocó que suje a roupa tem que ser toda mudada, e depois ainda à saída é despida e vestida para ir para casa, deve ser muito fatigante e um desperdício de tempo para a criança e para o adulto.

A Cláudia diz que mudam as crianças porque por vezes trazem roupas complicadas para mudar a fralda e assim ficam mais confortáveis.

Outro aspecto que achei curioso e que para mim foi novidade, foi o facto dos adultos calçarem umas meias grossas anti-derrapantes, em vez de substituíram os sapatos da rua por outros para andarem só dentro da sala. Nunca tinha visto, e sinceramente também nunca me tinha lembrado de tal pormenor. Amanhã também vou levar umas meias daquelas para ficar mais parecida com elas.

**Instituição: (A)**

**Data 22 de Janeiro**

**Hora: 9h 30 m**

**Duração: 12 minutos**

**Registo de observação: acolhimento**

Uma das crianças chegou às 9h 30m. A Cláudia que estava perto das crianças que estavam a brincar com os legos, levantou-se e foi recebê-la. Observei que Cláudia foi muito agradável para a mãe da criança e que sorria enquanto fazia carinhos na cabeça do menino. Depois ouvi a auxiliar S. dizer às crianças que estavam perto de si no colchão [S. estava a mostrar um livro de animais às crianças, com uma delas ao colo], que o R.(26 meses) estava a chegar. Apercebi-me que a Cláudia disse à mãe de R. que eu era a colega que ela tinha falado [não percebi exactamente os diálogos porque estava um pouco afastada], pois virou-se para trás e ambas, a mãe e Cláudia olharam para mim, ao que respondi com um sorriso, um aceno da cabeça e com um bom-dia. A mãe e a educadora continuaram a conversar. Entretanto também me apercebi que a educadora perguntou a que horas R. tinha comido porque ouvi a mãe dizer: “ um quarto para as nove”.

R. vinha pela mão da mãe e não teve qualquer dificuldade em dar a mão à educadora quando esta esticou o braço para o convidar a dar-lhe a mão.

Já de mão dada com a educadora, R. acompanhou a mãe à porta, a mãe deu-lhe um beijinho na cabeça e o menino acenou com a mão a fazer-lhe adeus.

A educadora disse, [e durante este tempo sempre com um sorriso nos lábios] “ adeus mãe, até logo”.

R. integrou-se logo a seguiu no grupo e foi juntar-se a outras duas crianças que estavam a brincar com uns carrinhos no chão.

Poucos minutos depois chegou B.S. ( 29 meses). A mãe parecia exausta, e vinha com pressa, pois já estava atrasada para apanhar o transporte para o trabalho. A criança parecia incomodada com alguma coisa.

Cláudia que rapidamente chegou perto da mãe e do filho, mostrou-se preocupada mas mesmo assim saudou-os com um grande sorriso.

“Bom-dia, então o que se passa hoje? O o´-o´ não foi bom não?”

A mãe disse-lhe, com um ar preocupado, que B.S. tinha passado muito mal a noite e que se tinha queixado do ouvido esquerdo.

Cláudia esticou os braços e a criança muito receptiva, apesar de parecer não se sentir bem, foi para o colo de Cláudia. A educadora quando o segurou ao colo, aconchegou-o no seu peito e começou a cantar: “ *um bracinho bem apertado, dá cá mais um pr'a matar saudade...*” Entretanto a mãe com um ar mais descontraído despediu-se e recomendou à educadora que se o menino se voltasse a queixar para ela lhe telefonar. Cláudia respondeu: “*Está bem mãe vá descansada*”.

Cláudia foi sentar-se no colchão, com a criança ao colo, ainda recostada no seu peito, até que B. S. se levantou e foi brincar por convite de outra criança que se aproximou.

Entretanto Cláudia sente um cheiro no ar e pergunta: “ quem é que tem cocó?”

**Instituição: (A)**

**Data 22 de Janeiro**

**Hora: 9h 50m**

**Duração: 10 minutos**

**Registo de observação: higiene**

[...] entretanto Cláudia sente um cheiro no ar e pergunta: “ quem é que tem cocó?”

Cláudia e a auxiliar espreitam as fraldas de cada uma das crianças até que a auxiliar vê que L. (30 meses) tem cocó. Cláudia diz à auxiliar S. “ deixa estar que eu vou tirar” a S. responde a rir: “ ai é? Quem cheira tira”.

A educadora seguiu com L (30meses) pela mão e dirigiu-se para a bancada muda fraldas, ao fundo da sala. Deitou L. na bancada e começou a conversar com a menina. “ estavas com vontade de fazer cocó? Tens que pedir à Cláudia para ires fazer na sanita. Depois ficas suja,...Agora temos que limpar, levanta la o rabinho para eu te tirar as collants.[a menina fez força com os pés na bancada e levantou o rabinho].

Cláudia fez a higiene à criança, limpou-a com toalhetes e depois pôs-lhe um bocadinho de creme. Quando pôs a criança no chão pareceu-me que lhe disse algo parecido com «já estás limpinha quando quiseres cocó pede esta bem? ».

**Instituição (A )**

**Data: 23 de Janeiro**

**Hora: 10h 20m**

**Duração: 8 minutos**

**Registo de observação: Tempo de arrumar**

Depois e várias brincadeiras iniciadas pelas crianças, a educadora Cláudia diz num tom de voz um pouco mais alto: “ está quase na hora do almoço, temos que arrumar está bem?”

Depois a educadora aproxima-se dos vários grupos de crianças e começa a arrumar os brinquedos que estão mais perto delas. As crianças ao verem a educadora a pôr as peças no cesto começam também a colocá-las dentro do cesto. Na área dos blocos R. ( 21meses) conseguir encaixar várias peças em altura. Olha para um lado, depois para outro e entretanto Cláudia diz-lhe: “ Olha R. se calhar é melhor arrumar a tua torre em cima do móvel, enquanto vamos almoçar e fazer a sesta”

R. olha para a educadora, faz sinal afirmativo com a cabeça, expressa um sorriso, enquanto verbaliza: “ é, é” .

**Instituição (A )**

**Data 24 de Janeiro**

**Hora: 10h 20m**

**Duração: 4 minutos**

**Registo de observação: Gestão de conflitos**

M. aproximou-se de F. e sem motivo aparente puxou-lhe os cabelos com bastante força. F começou a chorar.

A educadora Cláudia estava no outro lado da sala. Olhou em direcção ao som do choro e disse num tom de voz um pouco mais alto [para se fazer ouvir entre as vozes das crianças e do choro de F.] “ Não M. não puxa os cabelos a F.”

Enquanto falava dirigia-se em direcção às duas crianças.

Teve alguma dificuldade para abrir a mão de M. que continuava a agarrar os cabelos de F. Consolou F. pegando-a ao colo, e dando-lhe beijinhos. Depois dirigiu-se para M. que entretanto já se tinha virado para outro lado. Baixou-se [flectindo os joelhos] até à altura da criança e falou com ela num tom de voz baixo, olhando-a nos olhos, e com uma cara séria enquanto apontava para F. que ainda soluçava. Antes de se levantar, falou com a criança mais alguma coisa [ que não consegui ouvir] e deu-lhe um abraço. Já levantada disse-lhe. “ Não faz está bem? Os dói-dóis não são bons”

**Instituição: (A)**

**Data 24 de Janeiro**

**Hora: 11h 45m**

**Duração: 65 minutos**

**Registo de observação: refeição – almoço / higiene /repouso**

Por volta das 11h 30m a Cláudia começou a arrumar a sala com a São [auxiliar] disse às crianças que estava quase na hora do almoço e que tinham que arrumar. Entretanto a auxiliar começou a pôr as camas enquanto eu e a Cláudia começamos a sentar as crianças à mesa. A Cláudia distribuiu um babete de pano a cada criança e depois de os pôr a cada uma das crianças ainda pôs um de plástico àquelas que se sujaram mais. Fiquei sentada à mesa com as crianças enquanto a Cláudia foi buscar um bocadinho de pão para cada uma, que tinha já na sala dentro de uma caixa.

Enquanto as crianças comiam o pão chegou outra auxiliar [suponho que de serviços gerais] com a comida.

Cláudia foi imediatamente distribuir a sopa composta [como lhe chamou] pelos pratos, para ir arrefecendo. Colocou os pratos à frente de cada criança, as quais pegaram logo na colher e começaram a comer, excepto uma das crianças, cujo nome não me recordo, que tem, segundo, a educadora muita dificuldade para comer.

As crianças mostraram-se muito receptivas à minha ajuda, aliás como tem vindo a acontecer nos diferentes momentos da rotina.

Quando a São acabou de pôr as camas, veio ajudar nos almoços.

Assim que a educadora acabou de dar a sopa ao J. (30 meses), que entretanto já tinha comido a maior parte da sopa sozinho, a Cláudia foi dar o almoço a J.S. (4 anos 5 meses), o menino que tem paralisia cerebral, que também já estava sentado na cadeirinha.

Achei que Cláudia foi muito carinhosa, como tenho vindo a observar nas várias situações. Cláudia começou logo a falar com ele: “ Estás com fominha estas? Queres sopinha boa? [leva a colher à boca da criança], ai que boa, a sopinha do J. , isso papa, papa, humm, que boa, [dizia ela enquanto limpava a boca do menino, que ainda deixa cair a sopa pelo canto da boca].

Reparei que assim que Cláudia se aproximou de J. e começou a falar com ele, que o menino a reconheceu J. inclinou a cabeça para trás, olhou com um olhar vago para o tecto, virou a cabeça para um lado e para outro, como se procurasse Cláudia através do som da sua voz. Sorria e vocalizava. Acabou por ficar descaído na cadeira, como acontece muitas vezes pois J. não consegue sentar-se como as outras crianças. Cláudia carinhosamente endireitou-o e fez-lhe festinhas. O menino comeu a sopa «composta» quase toda, e depois a fruta cozida.

Entretanto as outras crianças também começaram a acabar a refeição. Algumas já se tinham levantado da mesa e estava a surgir alguma confusão, pois três delas já andavam em cima das camas e a tirar os lençóis para depois voltarem a fazer as camas.

A São estava ocupada com a criança que não queria comer e a Cláudia ainda tinha crianças a comer a sopa e outras a fruta. Disse-lhe: Cláudia se calhar é melhor eu começar com a higiene.

“ É melhor, é Ilda, se não te importas, já que estás aqui aproveitamos” disse ela, enquanto olhava para a São que acenava com a cabeça em sinal afirmativo.

Mudei a fralda a algumas crianças, mas quando me pediram a chupeta e água foram as próprias crianças que tiveram que me ajudar.

As gavetas estão personalizadas com as fotografias das crianças, mas como algumas são de quando as crianças eram mais novas, eu senti alguma dificuldade em identificá-las mas as crianças resolveram a minha dificuldade.

Quanto à água, elas [as crianças], nem me deram tempo de perguntar indicaram-me logo que as garrafinhas estavam nas bolsas que estavam penduradas em frente à bancada.

Enquanto isto, ouvi a Cláudia dizer: “ vai à Ilda vai, amor, vai mudar a fraldinha”

Para meu espanto a criança identificou-me logo pelo nome. Veio ter comigo e quando chegou ao pé de mim, conforme eu me baixe para lhe pegar ao colo, ela levanta logo os braços para eu lhe pegar.

Tenho que deixar registado que de facto as crianças tiveram muito mais facilidade em identificarem-me pelo nome do que eu a elas, até porque tive que perguntar várias vezes à educadora e à São, o nome da mesma criança.

Quando chegou a auxiliar que entra às 12 horas, começou a organizar o espaço para pôr os catres das crianças para a sesta. Observei que enquanto pegava nos catres a auxiliar olhava para um dos laterais do catre, onde estava uma etiqueta com o nome da criança. Conforme ia retirando os catres a auxiliar procurava o espaço onde o deveria colocar, o que me fez perceber que cada criança tem um lugar próprio para dormir, facto que vim a confirmar durante as conversas informais que mantive com a educadora e com a auxiliar. As crianças têm os seus próprios lençóis e cobertores e levam consigo para a cama os bonecos, as fraldas (objectos de transição), que vão buscar à gaveta ou ao cesto que está em cima do móvel baixo.

Quando a maior parte das crianças já estavam deitadas, veio uma outra auxiliar buscar as loiças, e a São limpou a mesa e o chão.

Obscureceu-se a sala para as crianças fazerem a sesta, a educadora pôs música clássica para bebés a tocar, e sentou-se perto das crianças. Enquanto permaneceu junto às crianças continuou a dar-lhes atenção, ora conversando baixinho com elas, ora dando palmadinhas no rabinho ou fazendo festinhas na cabeça. Conforme as crianças iam adormecendo a educadora ia mudando de posição e ia sentar-se junto da criança que ainda não estava a dormir e assim sucessivamente até que todas adormeceram.

**Instituição: (A)**

**Data 25 de Janeiro**

**Hora: 10h 25m**

**Duração: 20 minutos**

**Registo de observação: Actividade proposta pela educadora – massa de pão.**

Mais ou menos por volta das 10h 15m a Cláudia disse às crianças que tinha uma surpresa e que iam fazer uma coisa gira.

Dirigiu-se ao móvel e pôs música a tocar. Algumas crianças, mesmo sentadas no chão empenhadas nas mais diversas actividades começaram logo a baloiçar o corpo ao ritmo da música. Depois a Cláudia tirou de cima do móvel um alguidar e colocou-o em cima da mesa. Chamou as crianças. A maior parte delas vieram ao seu encontro e agruparam-se quase todas ao pé da educadora a tentar espreitar para dentro do alguidar.

A Cláudia disse-lhes para se porem à volta da mesa e entretanto nós três A Cláudia a São e eu começamos a organizar as crianças à volta da mesa.

A Cláudia tirou uma bola de dentro do alguidar e perguntou às crianças: “o que é isto?”

“- Massa! Massa!” responderam quase em coro dando saltinhos, e revelando algum conhecimento sobre a actividade que iria decorrer.

- “Massa de pão”, continuou a Cláudia enquanto distribuía bocadinhos de massa pelas crianças.

Entretanto algumas crianças começaram a sentar-se e passado pouco tempo já todas estavam sentadas. A maior parte delas sentou-se sem ajuda outras a São ajudou-as enquanto a Cláudia dava atenção às crianças.

Umhas crianças fizeram “cobas” [cobras], outras fraccionaram a massa em vários bocados, mas na sua maior parte bocadinhos quase minúsculos. Uma das crianças depois de ter apertado a massa com bastante força e de a fazer sair entre os dedos, decidiu começar a comer essa massa que lhe saia por entre os dedos.

Depois a Cláudia pôs outro material em cima da mesa e perguntou às crianças do que se tratava e de igual modo muitas mostraram já conhecer aquele material responderam “Palinhas” [palhinhas].

Depois a pouco e pouco a actividade foi perdendo o interesse por parte das crianças: Algumas quiseram guardar “O bolo dos Pabéns” para dar à mãe. ! Cláudia colocou o «bolo» numa folha, escreveu o nome da criança, a data e colocou-o no móvel.

**Data: 26 de Janeiro, 2007 (último dia na sala da educadora Cláudia)**

**Hora: 10h 40m**

**Duração: 5 minutos**

**Registo de Observação: actividade iniciada pela educadora**

A educadora deu início a uma roda e com ela estavam três crianças, R. ( 28 meses), B.C. (29 meses),e M.( 30 meses). Faziam a roda ao som da música de DC que tocava. Ao fim de pouco tempo a sua atenção dirigiu-se para outro foco de interesse e cada uma seguiu para seu lado. Aos algum tempo começou a tocar uma outra música, conhecida das crianças, e o R. dirigiu-se a M. e de mãos dadas começaram a dançar. Outras crianças se seguiram, formando alguns pares que dançavam animadamente durante a música.

**Instituição: (A)**

**Data 26 de Janeiro**

**Hora: 10h 25m**

**Duração: 10 minutos**

**Registo de observação: Ver livros com o apoio do adulto**

Como acontece quase todos os dias as crianças empenham-se, a maior parte das vezes, em actividades da sua iniciativa. A educadora Cláudia também lança desafios às crianças mas estes surgem de uma forma que considero subtil, ou seja, a educadora pode iniciar a actividade com uma criança, como hoje aconteceu, mas acaba por motivar o interesse e curiosidade de outras crianças.

A meio da manhã a Cláudia sentou-se no colchão com J.S. (4 anos e 5 meses) ao colo. Consigo levou um livro de animais, com imagens reais.

Cláudia mostrou o livro ao menino, denominando explicitamente as imagens (cão, gato, pato,...), e imprimia uma ênfase ao tom de voz, acentuando o ditongo e silabando as palavras o que tornou a sua linguagem bastante clara, para algumas crianças que brincavam por perto e que se foram aproximando.

A educadora para além de denominar explicitamente as imagens, ia introduzindo canções já conhecidas das crianças e que focavam os animais que iam aparecendo nas imagens. Para além disso a educadora também imitava as vozes de cada um dos animais, o que ia motivando as crianças a imitarem também essas vozes, o que foi motivo de grande divertimento e boa disposição.

J.S. mostrava-se satisfeito, pois ria e vocalizava, o que me pareceu ser uma forma de resposta à comunicação verbal e corporal que a educadora tentava transmitir. As outras crianças mostraram-se também interessadas e participativas.

**Instituição: (A)**

**Educadora: Cláudia**

### **Plano de Acção de Janeiro, 2007**

#### **INTENÇÕES EDUCATIVAS**

- Continuar a incentivar a autonomia das crianças
  
- Continuar a desenvolver no sentido da emergência da linguagem, comunicação e percepção
  
- Desenvolver momentos e situações que potenciem a descoberta e exploração de novos e diferentes materiais;
  
- Continuar a apostar continuamente num trabalho de parceria e cooperação com as famílias

#### **PROCEDIMENTOS EDUCATIVOS**

- Incentivo e encorajamento ao seu interesse por comer sozinhas;
- Início do controle dos esfíncteres por parte de algumas crianças;
- Realização de pequenas tarefas e recados simples, como ajudar a arrumar a sala, os brinquedos, trazer algo, etc.
- Pequenas histórias e encorajamento ao seu interesse por comer sozinhas;
- Estímulo à verbalização de acções
- Identificação de imagens;
- Imitação de gestos e sons
- canções várias
- Desenho individual e colectivo;
- Rasgagem;
- Exploração do espaço exterior
- Massa de pão;
- Bolinhas de sabão;
- Identificar imagens iguais;
- Explorar sons realizando maracas com diferentes materiais,
- Exploração do material de motricidade
- Tentar chegar aos diferentes modelos familiares, aproveitando o que cada um tem de melhor,
- Mealheiro mensal 1euro;
- Conversas informais diárias;
- Cadernos individuais;
- Partilha de textos relacionados com o processo de desenvolvimento da criança

**Instituição: (A)**

**Educadora: Cláudia**

**Avaliação do mês de Janeiro**

Este mês foi marcado pela aquisição da marcha das restantes crianças da sala, ou seja, neste momento já todas as crianças da sala começaram a andar o que veio criar uma nova dinâmica de grupo. O B. E. está muito mais autónomo e enérgico e a L. nem parece a mesma menina que se refugiava no adulto e na “pépé”. A aquisição da marcha trouxe-lhe uma nova autonomia, uma nova visão do mundo, sentindo-se mais segura e solta. Interage muito mais com as outras crianças, explora a sala com avidez e não recorre tanto ao adulto.

A autonomia é crescente em todo o grupo nos vários momentos da rotina.

Exploram a sala e todos os seus materiais com interesse e reinventam diferentes utilidades para os mesmos, descobrindo as suas várias potencialidades, ao nível dos vários sentidos. Aceitam e participam nas propostas lançadas pelos adultos com interesse e entusiasmo, sendo tudo novidade e querendo todos explorar em simultâneo, o que por vezes gera alguma confusão e alguns conflitos, numa fase em que o egocentrismo é mais evidente. Estão também mais próximos do J.S., a criança com paralisia, principalmente o A. , o T. , e o B. C., tocando-lhe . acariciando-o, dando-lhe beijinhos e abraços e deitando-se a seu lado, protegendo-o e apercebendo-se cada vez mais que há algo diferente.

Na relação com os adultos estão mais soltos, completamente à vontade, desenvolvendo interações bastante ricas e onde demonstram todas as suas “habilidades”. Existem brincadeiras conjuntas, conquistas, conquistas partilhadas, os adultos estão disponíveis, atentos, ficam satisfeitos com os progressos das crianças e manifestam-no positivamente, reforçando e encorajando. Apesar do desgaste e do cansaço normais, estão presentes, disponíveis afectivamente e as crianças sentem-no melhor que ninguém. Tenho muito orgulho na equipa que criámos e no trabalho que desenvolvemos. Cada momento e cada interação que se passa dentro desta sala com as crianças, é muito mais importante que qualquer trabalho que se possa expor no placar. Estas vivências, estas trocas, não se podem expor, vivem-se, partilham-se, marcam positivamente e transportam-se ao longo da vida. Qualquer atitude nossa é marcante e a equipa tem consciência disso. A recompensa vem das crianças e dos seus progressos e dos pais que vão reconhecendo e valorizando o nosso trabalho, é bom quando isso acontece.

## **Reunião de Pais**

### **Registos dos pais durante a reunião (Sentimentos e expectativas face à adaptação e integração da criança na creche)**

A educadora Cláudia organiza três reuniões com os pais durante o ano. Na primeira reunião que organizou, solicitou aos pais que deixassem registado os sentimentos motivados pela integração dos seus filhos na creche. Apresentamos em seguida alguns desses registos que se referem às dificuldades, às angústias, aos receios, às alegrias sentidas pelos pais e às conquistas das crianças. “ *Dificuldades – Separação, adaptação a novos horários, a novas pessoas, a novos espaços e a novas rotinas; Angústias [não existe qualquer registo]; Receios – Se estão a ser bem tratados (carinho, atenção, etc.); Conquistas – O fazer novos amigos, novas brincadeiras e o começar a andar; Alegrias – De nós sentirmos que eles estão bem e ver que eles também estão alegres*”.

Noutro registo podemos ler: “ *Dificuldades – Horário da criança (sesta da manhã para alguns) e conciliar com o dos pais (refeições, acordar); angústias – Adaptação, o chegar à sala e passar à equipa; Receios – O não se adaptar, que elas (educadoras) não dessem conta de todas as crianças. Conquistas – O andar sozinho, o querer comer só, o exprimir-se, o tentar e querer rabiscar, autonomia. Alegrias – A evolução deles, a dedicação, ler o caderninho e verificar que ele lá está identificado*”.

**Instituição: (C)**

**Setúbal, 16 de Abril de 2007 primeiro dia na sala da educadora Ângela**

**Registo de observação: Observação geral do espaço físico e do ambiente da sala.**

A sala da educadora Ângela funciona num apartamento de 3 assoalhadas que foram adaptadas para o funcionamento da creche.

Tem uma sala polivalente onde é feito o acolhimento às crianças e às suas famílias mas que também é um espaço de brincadeiras e de refeição.

A sala é pequena, e está dividida da copa de leites por um balcão que também serve de apoio à hora das refeições. Do lado da sala esse balcão é aberto e tem prateleiras com brinquedos, muitos deles sonoros, ou de puxar e empurrar.

Ao canto da sala está um colchão e almofadas que serve de cantinho do conforto para as crianças e para os adultos quando se sentam com as crianças ao colo. Existe um outro móvel destinado à aparelhagem sonora, que está fora do alcance das crianças, e às folhas de papel e lápis de cor e de cera, que estão ao alcance das crianças mais crescidas, assim como numa prateleira mais baixa, uma caixa grande com peças grandes de jogo de construções, que estão ao alcance de todos, inclusive dos mais novos.

Numa outra parede está um pequeno móvel com loiças da casinha, e perto dele uma mesa de plástico baixa, com bancos corridos que serve para a brincadeira das crianças e de apoio à hora do almoço ou do lanche, uma vez que a mesa destinada a esse efeito é mais alta, assim como as cadeiras e não oferecem segurança às crianças.

Esta sala vai sendo remodelada ao longo do ano, e o móvel que agora serve de suporte à casinha já serviu para pôr os livros que estão neste momento numa caixa de plástico, no chão, junto ao colchão.

A sala ao lado desta, está ocupada com as caminhas das crianças mais novas, e a seguinte, tem os catres empilhados, onde dormem as crianças mais crescidas, e dois colchões, a forrar parte do chão. Na parede por cima destes colchões estão presas na parede umas almofadas que em conjunto com os colchões nos fazem lembrar um sofá.

A casa de banho é pequena e serve para a higiene das crianças. Cada criança tem uma gaveta com os seus pertences, e está personalizada com um símbolo, que foi segundo a educadora escolhido pelos pais na altura da primeira reunião de pais.

**Instituição: (C )**

**Setúbal, 16 de Abril de 2007**

**Conversa informal com a educadora Ângela**

A educadora Ângela considera que apesar de as salas serem pequenas e de estarem com frequência a precisar de pequenos arranjos, lhe permitem individualizar os cuidados às crianças pois mesmo que as crianças queiram dormir quando têm necessidade tal não constitui constrangimento já que o espaço é compartimentado.

Quanto aos símbolos que identificam cada criança a educadora considera que para além de identificar para os adultos o sítio onde devem arrumar os pertences de cada criança que o mais importante é o facto de lhe possibilitar trabalhar com as crianças a sua autonomia, uma vez que com o passar dos meses as crianças vão progressivamente conseguindo ir à sua gaveta buscar a chupeta ou a fraldinha que a acompanha e conseguem identificar para além do seu símbolo, o símbolo dos amigos.

Para Ângela este aspecto torna-se bastante importante pois conforme a criança vai conseguindo ter sucesso no seu desempenho, vai construindo uma auto-estima e uma auto-imagem positivas que nas palavras de Ângela se traduz, ao fazer inferência segundo ela, daquilo que a criança pode pensar: “Eu sou capaz de fazer, cada vez mais e melhor”.

Ângela também considera que estes símbolos, para além de proporcionarem este trabalho que se pode fazer progressivamente com as crianças, para além da emergência da literacia, nas suas palavras: “ temos uma creche alfabetizada”, também embeleza o espaço, torna-o bonito o que pode contribuir para o bem-estar da criança. Mas o que Ângela considera mais importante do que tudo isto que referiu, é o facto de que através destes símbolos, o adulto pode ir passando a mensagem à criança que ela tem o seu lugar ali na creche, que cada uma delas não é mais uma no meio de tantos outros, mas que pertence ali. O desenvolvimento do sentimento de pertença é para Ângela um aspecto central para o desenvolvimento da personalidade do bebé e da criança pequenina.

**Instituição: ( C )**

**Setúbal, 16 de Abril de 2007**

**Hora da observação: 9h 05m**

**Duração: aproximadamente 7 minutos**

**Tempo: acolhimento**

Cheguei às nove horas. Na sala estavam dez crianças, a educadora Ângela e a auxiliar P. Cumprimentei os presentes, com um bem disposto Bom-dia e dirigi-me à dispensa que também serve de vestiário. Tirei o casaco arrumei-o, tirei os sapatos, calcei uns sapatos só para andar na sala, e em seguida vesti o bibe.

Dirigi-me para a sala. A menina C. (18 meses) estava a chegar. Eram quase nove e cinco. C. chegou ao colo do pai e a educadora Ângela disse-lhes Bom-dia de uma forma quase musical. Ângela perguntou ao pai de C. se a menina tinha passado bem a noite e a que horas tinha comido.

Ângela obteve estas informações da seguinte forma: não falou directamente para o pai mas, em vez disso, dirigiu as suas perguntas para a criança, continuando a sorrir e enquanto fazia umas cóceguinhas na barriga de C. : “ e então fizeste um bom soninho?”

Ao que o pai respondeu: “dormiu muito bem, esta noite dormimos todos”.

Ângela continuou: - “E a papinha comes-te bem? A que horas?”

O pai de C. disse: - “ Papou quase tudo às oito e meia.

- “ Anda ao meu colinho, anda fofinha”( enquanto isto Ângela olhava para a criança que continuava ao colo do pai, dirigiu os seus braços para a menina enquanto movia os dedos das mãos, a indicar um chamamento, ao qual C. se mostrou receptiva.

Já com a menina ao colo, Ângela continuou [enquanto o pai abria a porta para sair]: “ Tchau pai, até logo, bom trabalhinho”.

O pai de C. virou-se deu um beijinho à menina e disse e sorriu para Ângela :” para vocês também”.

“ Agora vamos dizer bom dia aos amigos”, continuou Ângela a conversar com C. e ainda com a menina ao colo. “ Bom-dia amigos já cheguei, a C. chegou,... entretanto foi-se inclinando para a frente para pôr C. no chão.

C. foi ao encontro de T. (15 meses) que entretanto também já vinha ao seu encontro. Ambos se dirigiram para casinha das bonecas onde já estavam outras três crianças.

**Setúbal, 17 de Abril de 2007**

**Instituição: (C )**

**Comentário à observação de dia 16 de Abril de 2007**

**Hora da observação: 9h 05m**

**Duração: aproximadamente 7 minutos**

**Comentário:** Considero que a educadora Ângela manifestou ser muito sensível ao momento do acolhimento. Teve em consideração o tempo anterior à entrada da criança na creche, quando se interessou em saber como a criança tinha passado a noite e a que horas tinha tomado o pequeno-almoço, e se tinha comido bem.

Para além disso, a menina passou do colo do pai, sua figura de referência afectiva, para o colo da educadora, possivelmente, para que a criança encontrasse a continuidade dessa referência afectiva e sua consequente protecção e carinho.

Ângela despede-se do pai da criança como se fosse a criança a falar, pois chama-lhe pai, procurando eventualmente minimizar a angústia da separação ao mesmo tempo que tenta estabelecer uma ponte entre a saída e a volta do pai, quando diz: “ Tchau pai, até logo, bom trabalhinho”.

Penso que desta forma a educadora apela para experiências anteriores de separação já vividas pela criança em contexto familiar, uma vez que a criança já viveu neste contexto experiências em que sabe que o pai sai, mas que volta para casa. Considero por isso que ao proceder deste modo a educadora reforça a confiança que a criança tem no pai, uma vez que o pai a deixa na creche mas volta para a vir buscar.

**Instituição: ( C )**

**Dia : 16 Abril**

**Hora: 9h 30m**

**Duração: aproximadamente 10 minutos**

**Tempo: pequeno-lanche**

Enquanto vão chegando as crianças brincam na sala por sua iniciativa. Uns brincam na casinha, outros vão buscar os livros, sentam-se nas almofadas vêem os livros, deitam-se, e outros vão buscar jogos. Segundo a hora a que as crianças tomaram o pequeno-almoço, a educadora vai dando um iogurte [que os pais levam para a instituição]. Aquelas crianças que não têm necessidade de comer o iogurte, porque tomaram o pequeno-almoço mais tarde, a educadora dá uma bolacha.

Hoje a M (20meses) já tinha chegado quando a educadora Ângela começou a dar o iogurte a T (15 meses). Ângela estava sentada numa cadeira baixa, e M. estava em pé encostada às suas pernas. Quando T. acabou de comer o iogurte, Ângela disse-lhe: “ já está, acabou”

M. que continuava em pé, encostada às pernas da educadora, disse: “tas tá, bacha”.

Ângela levantou-se, sentou T. no colchão e disse: “ vou buscar bolachinhas, quem quer bolachinha”.

Várias crianças manifestaram vontade de comer a bolacha, através de posturas corporais, ou de vocalizações.

**Instituição: (C)**

**Dia : 16 Abril**

**Hora: 10h 25m**

**Duração: aproximadamente 3 minutos**

**Tempo de brincadeiras:**

As crianças brincavam na sala, onde queriam, com o queriam e com quem queriam.

Três crianças S. (19 meses), M<sup>a</sup>. R. (20 meses) e F. (17 meses) estavam sentados no chão a encaixar peças de mira-bloco.

Enquanto eu ajudava S. (19 meses) a encaixar uma peça de mira-bloco, a M<sup>a</sup> R.(20 meses) toca no braço da S. e diz: “ a ia, a ia” [chama a amiga pelo nome].

Depois volta-se para mim, toca-me no braço, olha para Ângela e diz num tom de voz interrogativo: “ am i é?”

Ângela responde-lhe: “ Ilda é a Ilda”

**Instituição: ( C )**

**Dia : 16 Abril**

**Hora: 12h 40m**

**Duração: aproximadamente 2 minutos**

Depois da higiene a auxiliar A. vai com R. (20 meses) buscar a chupeta do menino à gaveta e pergunta-lhe: “ a quem é que a A. vai dar a chupeta?”

R. responde [mostrando contentamento, expresso por um sorriso] “ À tu, à tu”

A auxiliar continua: “ e a A. quer levar a tua chupeta para quem?”

R. responde mostrando a mesma expressão sorridente “ Pá xica, pá xica” [ a xica é um periquito fêmea que a auxiliar levou para a sala para mostrar às crianças, na semana anterior a esta conversa].

**Instituição: ( C )**

**Dia : 16 Abril**

**Hora: 11h 15m**

**Duração: aproximadamente 40 minutos**

**Hora do registo completo: 17h 30m (pós laboral)**

**Tempo de arrumar / higiene/ refeição**

Por volta da 11h 15 m, a educadora Ângela e as duas auxiliares começaram a arrumar a organizar a sala para a hora do almoço. Apanharam os brinquedos do chão e arrumaram-nos nas prateleiras, levantaram o colchão e prenderam-no por trás do varão. Colocaram as almofadas noutras prateleiras. O chão da sala ficou livre para que se pudessem colocar as cadeiras altas de refeição para sentar as crianças. Do mesmo modo se procedeu na outra sala onde comem os mais pequeninos que ainda dormem no berçário.

Enquanto os adultos arrumaram as salas as crianças mais crescidas foram incentivadas a colaborar. Ângela quando começou a apanhar os brinquedos do chão começou a cantar:” está na hora de arrumar as coisinhas no lugar, para irmos almoçar, nós vamos arrumar,...”. A menina L. (16meses) olhou à sua volta, apanhou um livro do chão e foi entrega-lo a Ângela. Ângela olhou para L. e disse-lhe: “ ai que linda a ajudar as amigas a arrumar a sala. Obrigada!”

Ângela aceitou o livro da mão da criança e foi arrumá-lo no móvel dos livros.

Entretanto L. vem novamente ao seu encontro com outro livro. Ângela olhou para L., sorriu e disse-lhe”: L. [usou o diminutivo do nome da criança] vai pôr o livro no móvel vai, está ali, ...[dizia isto enquanto apontava com o indicador direito para o móvel dos livros].

L. dirigiu-se para o móvel e colocou o livro no chão, junto à prateleira mais baixa.

Ângela, que tinha estado atenta à acção da criança, embora continuasse a apanhar os outros objectos do chão disse-lhe: “ Linda! Obrigada! [enquanto sorria para a menina].

Entretanto Ângela e as auxiliares foram com cada uma das crianças lavar as mãos à casa de banho.

Na casa de banho Ângela põe-se de cócoras, junto ao lavatório, para ficar da altura da criança. Ambos conseguem ver o seu reflexo no espelho. Ângela fala com M. (20 meses) através do espelho: “ A água está boa, está? Está quentinha? Agora temos que pôr o sabonete [pressiona o doseador do sabonete], esfrega, esfrega as mãos, hum cheira bem. Vá agora limpa [puxa o toalhete de papel com a colaboração de M.] limpa bem, para não fiques molhada. Vai deitar fora, põe no balde. M. dirigiu-se ao balde e deitou o toalhete no orifício.

Na sala já com as crianças sentadas nas cadeiras Ângela começou pôr os babetes e a distribuir um bocadinho de pão por cada uma das crianças. Entretanto uma das auxiliares distribuía a sopa pelos pratos das crianças que iam comer primeiro, enquanto a outra auxiliar distribuía a água pelos copos [que estão identificados com os nomes das crianças].

Ângela pegou no copo da água da M. e disse: “ água,... M.D. onde estás?

A menina M. deu um impulso ao corpo que a fez levantar o «rabinho da cadeira». Depois bebeu a água com a ajuda da educadora enquanto segurava o copo com as duas mãos.

M. comeu bem a refeição. Sopa com peixe batido, soufflé de peixe e fruta batida. Enquanto lhe dava a refeição a educadora ia conversando com a criança [não ouvi exactamente o que falavam, porque também eu estava a dar a refeição a outra criança e a educadora conversava baixinho com a menina mas apercebi-me que falavam sobre o que a criança estava a comer].

Quando acabou de comer, e enquanto Ângela foi colocar o prato em cima do balcão, M. disse num tom de voz alto: “ pão, pão”.

Ângela voltou-se para trás e disse-lhe: “Já dou. Vou só pôr aqui o prato”

Tirou o pão da caixa e deu-o a M. que o aceitou e o começou a comer.

Ângela comentou com as auxiliares: “já conhece tão bem a rotina”

Em seguida Ângela foi dar a refeição a T. (15 meses), que logo de início voltou a cara, mostrando resistência para comer [ T: é uma criança que tem muita dificuldade em comer. A mãe diz que T. não é grande apreciador de comida].

Perante a resistência de T. para comer Ângela começou a falar com o menino sobre a refeição imprimindo algumas inflexões de voz [como era um pouco mais alto consegui ouvir]. Dizia-lhe: “ Sopa T., sopa com peixe, é bom”.

Quando ouve a educadora falar M. diz: “ Pêxe, pêxe”.

Como T. continuava a resistir para não comer, Ângela começou a cantar a canção do peixinho. Conseguiu que T. comesse algumas colheres de sopa e depois a fruta [T. comeu a fruta com grande satisfação].

Ângela comentou que tinham que dar o lanche a T. mais cedo.

**Instituição: (C )**

**Semana : 16 Abril 20 de Abril de 2007**

**Hora: 12h 30m**

**Duração: aproximadamente 40 minutos**

**Observação: Repouso**

**Hora do registo completo: 18h 45m –pós laboral**

O espaço físico da sala da educadora Ângela permite a personalização dos cuidados (a sala da educadora Ângela funciona num apartamento de três assoalhadas, adaptadas para o funcionamento da creche). Quando a educadora Ângela percebe que uma das crianças tem sono, dispõe de um espaço próprio para a deitar, sem que a criança fique em contacto com as outras crianças que estão acordadas. A criança é deitada na sua cama, quer se trate de uma cama ou catre, e essa «cama» só é utilizada pela criança, a quem foi destinada. A cama está identificada com o nome da criança, aspecto que faz diminuir eventuais enganos (quer por parte dos familiares que por vezes têm oportunidade de deitar a criança, quando ela chega a dormir, quer por parte das estagiárias, durante o seu tempo do ser estágio), e reforça a intenção da educadora de personalizar os cuidados dados a cada criança e o progressivo desenvolvimento do sentimento de pertença àquele espaço, por parte da criança.

Quando uma das crianças mais crescidas (que já dorme num catre, o qual esta empilhado entre outros e que estão encostados a uma parede como se de um móvel se tratasse), tem necessidade de dormir, o seu catre, também identificado com o nome da criança, é retirado da pilha de catres, e colocado exactamente no espaço em que costuma ser colocado, quando toda a sala esta preenchida com os outros sete catres, apesar de só essa criança precisar de dormir, ou mais uma ou duas crianças.

Após o almoço das crianças e entre o momento da higiene e o do repouso há um espaço- tempo de brincadeiras. As crianças que chegaram mais cedo à creche e que não dormiram de manhã, são as primeiras a serem convidadas para irem fazer a higiene. A educadora e as auxiliares vão-se aproximando das crianças, falam com elas e as crianças vão de mão dada com o adulto, ou seguem-no até à casa de banho. Quando acabam de fazer a higiene, vão para a sala onde dormem na qual já foi criado um ambiente, em nossa opinião facilitador do adormecimento das crianças. A sala é parcialmente obscurecida e é posto a tocar um CD de música clássica para bebés. Entretanto a porta das duas salas permanece aberta, e as crianças que já estão deitadas vão acompanhando a rotina das outras crianças que continua a processar-se até que todas, as que têm necessidade, tenham feito a higiene. A educadora vai entrando e saindo das salas enquanto aconchega a roupa das camas das crianças, dá as chupetas, as fraldinhas, os ó-ós de cada um (objectos transicionais), e as crianças vão adormecendo ao seu ritmo, com rituais muito próprios, possivelmente não sentindo uma ruptura, um afastamento do seu adulto de referência, mas uma continuidade, entre o momento anterior de intensa actividade, e esse momento de calma e tranquilidade.

Quando todas as crianças que têm necessidade de dormir estão deitadas, a educadora e uma das auxiliares ficam cada uma em cada uma das duas salas, até que todas as crianças estejam a dormir, enquanto uma outra auxiliar fica em outra sala com as crianças que não precisam de dormir ou que ainda têm que almoçar.

**Registo da educadora Ângela no diário colectivo.**

**Data: 17 de Abril**

Que manhã maravilhosa!

Brincámos como nos apeteceu, fizemos escolhas e tivemos iniciativas.

Comemos as nossas bolachinhas, os iogurtes e ainda fomos ao exterior. Claro que primeiro vestimos os casaquinhos, pois apesar de o sol estar morninho, a temperatura ainda está fresquinha.

Andámos nos triciclos, alguns de nós ainda com a ajuda das amigas, e a A. M. a B. C. e o M. colaboraram com as amigas na limpeza do exterior, Apanhamos algumas folhas secas, ajudamos a abrir o saco e até descobrimos um caracol, que estava escondido nos arbustos.

Depois aceitámos a proposta da amiga. Brincámos com o “Coelho Alberto” e o “Burro e o Boi” e até recitámos o poema da “Borboleta”.

Depois brincámos com os arcos e ficamos curiosos quando as amigas os empurraram e fizeram com que eles descrevessem várias direcções no espaço.

Como já estava na hora do nosso almocinho, fomos lavar as mãos e almoçar. Comemos com apetite mas o T. não lhe apeteceu comer a sopa toda, mas comeu depois muito bem a fruta batida e um bocadinho de pêra.

Fizemos a nossa higiene, lavámos as mãos e mudámos as fraldinhas e passado um bocadinho fomos fazer um soninho reconfortante.

Até logo.

**Instituição: ( C )**

**Dia : 18 Abril**

**Registo da educadora Ângela**

Hoje a educadora Ângela fez um registo diferente em substituição do diário colectivo.

Escreveu no placare aos pais: “ Papás sabiam que...”

- A M. D e o D. empenharam-se em fazer experiências com sons.

“Batucaram” com umas pecinhas no móvel fazendo sons, Toc, toc, toc, toc, depois aproveitaram para descobrir que sons faziam as pecinhas se batessem com elas na parede.

- A S. gosta que as amigas crescidas cantem para ela, enquanto come ou enquanto muda a fraldinha.

- O D. quando as amigas crescidas lhe pedem para ir dar bolachinhas aos amigos, ele dá e fica todo contente. Vai então, de braço estendido, com a bolachinha na mão e entrega-a ao amigo.

## **Registo da educadora Ângela no diário colectivo.**

**Data: 14 Dezembro, 2007**

“As nossas manhãs começam sempre de forma muito agradável, com um convidativo “Bom-dia”.

Surgem os beijinhos e os abraços, os sorrisos e o “Tchau mãe, tchau pai, bom trabalhinho”.

Depois as canções, as bolachinhas e por vezes os danoninhos.

Durante estes últimos dias temos andado a preparar uma surpresa para os papás, pois vem aí um dia muito especial, o Natal.

Temos cantado muitas canções de Natal e gostamos de as ir acompanhando com o livro. Vemos o pinheirinho, as bolas, e o Pai Natal de barbas branquinhas.

As demonstrações de carinho surgem com bastante frequência na nossa sala. A bebé S. estava sentada na cadeirinha, quando a B.C. se dirigiu para junto dela. Ao chegar ao pé da amiga, baixou-se e deu-lhe beijinhos.

O D., que observava as amigas, pegou numa peça do jogo de construções e também a ofereceu à bebé. A M.D. pegou num boneco fofinho e, “*Toma, toma, ...*” dizia ela à bebé carinhosamente. Entretanto a S. foi buscar o cesto das peças, para fazer construções. A nana B., em vez de utilizar as peças para encaixar, preferiu apanhá-las e pô-las dentro do cesto. Depois introduziu inovação à forma de construir torres. Vira as peças ao contrário para ver os buracos, e tudo se torna mais fácil.

O D. descobriu que a tartaruga tem rodas, e passou com ela pela sala. Depois fez uma excelente associação: Foi buscar o pato e exerceu sobre ele a mesma acção. Hoje no entanto o M. tem estado rabugentinho.

O D., que gosta de tirar medidas, despejou o cesto das construções e o dos fofinhos, e sentou-se ora num, ora no outro. Depois olha em volta para observar o espaço que lhe sobra.

A B. C. solicita muitas vezes a atenção das amigas para lhe contarem histórias. Depois faz grandes conversas, numa linguagem que aprendeu recentemente.

Hoje falámos do nosso corpo. Já sabemos muito bem que temos olhos, boca, orelhas, cabelo. O D. andava a brincar na sala e mesmo parecendo que não estava a prestar atenção, conseguiu “encaixar todas as peças no próprio corpo”. Depois olhava para a amiga e ria-se.

O D. R. , apesar de ainda estar em adaptação, tem passado relativamente bem. Choraminga ao início da manhã, mas depois, participa nas brincadeiras e até já sabe chamar pelo nome das amigas crescidas.

Esta é uma pequena descrição da dinâmica da nossa sala. Verdade seja dita, não lhe faz justiça. Mas o que as amigas querem mesmo é proporcionar-nos Tempos de Qualidade durante os quais as trocas sociais, afectivas, e os momentos de atenção, acontecem.

Às refeições comemos quase sempre muito bem. O D. e a M D.. gostam de comer sentados à mesa e com uma colher só para eles.

Depois assim que a amiga diz:

-“ Vamos lavar as mãos, ...”, ela já nem nos leva pela mão, porque nós dirigimo-nos autonomamente, para a casa-de-banho.

Vamos progressivamente crescendo, explorando as situações de aprendizagem, que as amigas nos proporcionam e que tão salutares são para o nosso desenvolvimento.

Na caminha é uma maravilha! Quentinha, confortável, mesmo boa, rara recarregar “baterias”. (Nota de campo, instituição (C), dia 20 de Abril de 2007; Registo da educadora Ângela no diário colectivo Data: 14 Dezembro, 2007)

**Instituição: ( C )**

**Dia : 18 Abril**

**Registo da educadora Ângela**

*“O cuidado como modo de ser do pensamento da nossa creche»*

*O tema do cuidado é o lugar por excelência, em que se revela o nosso pensamento educativo. Cuidar é mais de que um acto, é uma atitude. Queremos dizer: Essa atitude é uma tendência, uma predisposição, para responder às solicitações das nossas crianças. É portanto uma tomada de posição intencional que a equipa pedagógica adopta face às necessidades fisiológicas e emocionais das crianças.*

*Cuidar é mais de que um momento de atenção! Cuidar é portanto uma atitude psicológica de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afectivo com as crianças. É uma ternura vital, fruto do conhecimento e do afecto, que temos por todos os que estão a nosso cargo. A atitude de cuidado surge na sua dimensão sensível, de atenção às crianças.*

*Leonardo Boff, diz-nos «Cuidar significa estabelecer uma relação amorosa [...] é investir coração, afecto, subjectividade, [...] cuidar significa envolver-se com as pessoas e as coisas, dar-lhes atenção, colocar-se junto delas, valorizá-las e compreende-las na sua interioridade»”*

*Saber Cuidar*

*Leonardo Boff, 2001*

**Instituição: ( C )**

**Dia : 18 Abril**

**Hora: 10h 35m**

**Duração: aproximadamente 20 minutos**

**Actividade: expressão musical**

**Hora do registo completo: 14h 30m – intervalo para almoço (pós- laboral)**

Hoje as crianças estiveram muito bem dispostas. Quase todas dormiram bem durante a noite, mas a C (18meses) e o T (15 meses), precisaram de ir fazer um soninho.

Após as crianças terem explorado o espaço por sua iniciativa, brincaram com as peças do jogo das construções, viram os livros, deitaram-se nas prateleiras do móvel,... a Ângela lançou uma actividade bastante desafiante às crianças.

Colocou no chão da sala um monte de lenços de vários tamanhos, cores e texturas. Pôs a música a tocar, e deitou-se no chão perto dos lenços. Algumas crianças aproximaram-se e começaram a mexer nos lenços. Algumas sentadas outras em pé esticaram os lenços, arrastaram-nos pelo chão, até que M<sup>a</sup>. R. (20 meses) pegou num lenço e foi tapar a educadora que continuava deitada, entretanto já com F. (17meses), deitado a seu lado.

Depois da iniciativa de M<sup>a</sup>. R. várias crianças desenvolveram a mesma acção até que M. (20 meses) decidiu imprimir uma inovação á actividade. Pegou nos vários lenços que já estavam em cima da educadora, destapou-a e quando lhe viu a cara: “ Cu-cu”.

A educadora deu uma gargalhada e disse “ Cu-cu, cu-cu” Depois sentou-se e começou a movimentar o corpo ao ritmo da música. Agitava os lenços, atirava-os ao ar, fazia-os serpentiar no chão. As crianças começaram a imitá-la e até introduziram inovações. A S.(19 meses) tentou tapar a sua cabeça e depois a cabeça da M<sup>a</sup>. R..

Quando a música acabou a Ângela aproveitou os lenços para brincar com o “Coelho Alberto” e com a “Formiga e o Escaravelho” imprimindo às canções várias inflexões de voz, agudo e grave, alto e baixo, enquanto descrevia vários movimentos no espaço.

Depois quando acabaram de cantar todos bateram palmilhas e deram grandes vivas.

Cada criança se dirigiu para o que mais se interessou e eu e a Ângela continuamos a observá-las nas suas empenhadas actividades.

**Instituição: ( C )**

**Dia : 19 Abril**

**Hora: 10h 20m**

**Duração: aproximadamente 8 minutos**

**Actividade: balões e lenços**

**Hora do registo completo: 13h 50m – intervalo para almoço (pós- laboral)**

Hoje a Ângela colocou à disposição das crianças os lenços que ontem pôs na sala e vários balões que encheu com mais ou menos ar para ficarem de tamanhos diferentes. As crianças aproximaram-se rapidamente. E começaram a fazer experiências. Tentaram tapar a sua cabeça e a dos amigos, arrastaram os lenços e a M. (20meses) até experimentou ver através do lenço. A Ângela aproveitou logo a novidade para também ela brincar assim com as outras crianças o que motivou que algumas delas experimentassem também ver através do lenço. Com os balões as experiências também se sucederam. Alguns deram-lhes pontapés e riam, divertidos, por os verem afastarem-se. T (15meses) apertou o balão com mais força, o balão rebentou o que fez com que o menino ficasse assustado. T.chorou bastante.

Ângela e eu tentamos consolá-lo mas T. chorava compulsivamente. Entretanto ouvimos um choro bastante forte.

**Instituição: ( C )**

**Dia : 19 Abril**

**Hora: 10h 30m**

**Duração: aproximadamente 15 minutos**

**Actividade: Gestão de conflitos**

**Hora do registo completo: 13h 50m – intervalo para almoço (pós- laboral)**

[...] Entretanto ouvimos um choro bastante forte.

Ficámos assustadas porque aquele é um choro inconfundível. É um choro de aflição, um choro de dor.

R. ( 20 meses) tinha dado uma grande dentada na bochecha de L.(16 meses). A Auxiliar P. que estava a mudar a fralda a uma das crianças, correu assim que possível para nos ajudar.

P. ficou na sala com as outras crianças enquanto Ângela foi lavar a carinha a L. que ainda estava a chorar. Eu fui ao frigorífico buscar a almofada do gel para que Ângela a colocasse na bochecha de L..

Entretanto Ângela sentou-se numa cadeira com L. ao colo enquanto lhe fazia massagem com a almofadinha fria. R. aproximou-se e encostou-se às pernas de Ângela. Ângela disse-lhe: Não se faz dói-dois aos amigos, olha como L. ficou. Vês, [tirou a almofada fria e mostrou a bochecha de L. que estava bastante vermelha e com a marca dos dentes de R.] tem um dói-doi muito grande. Passados escassos minutos Ângela levantou-se e foi , com L. ao colo buscar o Arnigel. Voltou para a sala, sentou-se na cadeira e chamou R. Disse-lhe:” fizeste dói-doi à L. por isso agora tens que ajudar a dar-lhe uma massagem. Ângela colocou um bocadinho de gel no dedo de R. e no seu. “ vês,[chamava a atenção da criança para a massagem que estava a fazer na cara de L] agora dás uma massagem a L. coitadinha tem um grande dói-doi. R. cuidadosamente fez a massagem na cara de L.. Antes de R. se afastar para ir comigo lavar as mãos Ângela ainda lhe disse [com uma cara séria e entristecida] vai lavar as tuas mãos, não é bom fazer dói-dóis aos amigos não faz, está bem?

Pela seu expressão facial, R. parece ter compreendido o que a educadora lhe disse.

Quando voltamos da casa de banho e depois de termos apanhado os lenços Ângela começou a cantar “ Pinto, pintinho, pintinho, piu, subiu a uma pedra e depois caiu, a dona galinha ficou preocupada, deu massagem ao pintinho e pôs-lhe pomada.

Mais uma vez me pareceu que de alguma forma a mensagem que Ângela tinha como intenção passar, que chegou a R. pois enquanto Ângela cantava, R. olhava para ela e por vezes para L.

## **Registo da educadora Ângela no diário colectivo.**

**Data: 20 de Abril**

Esta semana brincámos com os lenços e depois com os balões. As amigas atiraram-nos ao ar, o que despertou a nosso interesse e curiosidade. Para além de os atirámos ao ar, apertámos os balões e fizemos “Cu-cu”, “cu-cu” com os lenços. “Observámos” que apesar de ambos serem coisas leves, que têm um cair diferente. Para além disso tivemos oportunidade para explorar as propriedades físicas destes materiais. Quer dizer, as texturas, as cores, a sua resistência quando os apertamos. Os balões até fazem “Pum” se os apertamos muito.

A nossa L. já está melhor da bochechinha. Às vezes acontecem estas coisas, nada agradáveis nas salas dos bebés, mas vamos ter mais cuidado. Tudo se passa em poucos segundos e por vezes na presença dos adultos como aconteceu.

A pintura fez as nossas delícias. Estivemos muito empenhados, a pintar quase sempre fora do papel. Preferimos a mesa, a nossa boca ou as nossas mãos e até algum amigo que estivesse ali mais perto.

É que a nossa amiga crescida acha estas experiências importantes para a nossa aprendizagem e desenvolvimento. Vamos experimentando vamos aprendendo como é que as coisas são, para que servem e como funcionam.

O que ela costuma dizer é que na nossa creche temos um “currículo aberto”, equilibrado em que a amiga propõe coisas novas para nós, que nos ajudem a construir aprendizagens significativas, aquelas que são úteis e podemos utilizar, mas que valoriza principalmente as nossas iniciativas.

Ao almoço comemos com apetite a comidinha gostosa e saborosa que a A. fez para nós. Depois da higiene, fomos para a caminha. Ouvimos o nosso CD, baixinho, até o João-pestana chegar.

Tchau, até logo para mais brincadeiras divertidas!!!

## **Reunião de pais educadora Ângela**

### **Registo dos pais sobre as expectativas que têm em relação à creche**

Na primeira reunião de pais a educadora Ângela solicita-lhes que deixem registado quais são as suas expectativas em relação à creche. Passamos a transcrever alguns desses registos que constam nas notas de campo. “ *Que seja um lugar agradável onde o meu filho possa ser feliz*”; *Que seja um outro lar. De afecto, compreensão, respeito pelos interesses, necessidades e saberes de cada criança. Que promova as potencialidades de cada bebé, num clima de harmonia, alegria e coerência...Que ajude a crescer e a ser FELIZ*” ; “*Brincar, sorrir, crescer, ser feliz. Um lugar assim como a J.*” ; *Um espaço físico e afectivo onde a nossa filha cresça tranquila e feliz*” ; “ *Que continuem o trabalho carinhoso que têm vindo a desenvolver, para que continuemos a sentir alegria nos nossos meninos*”